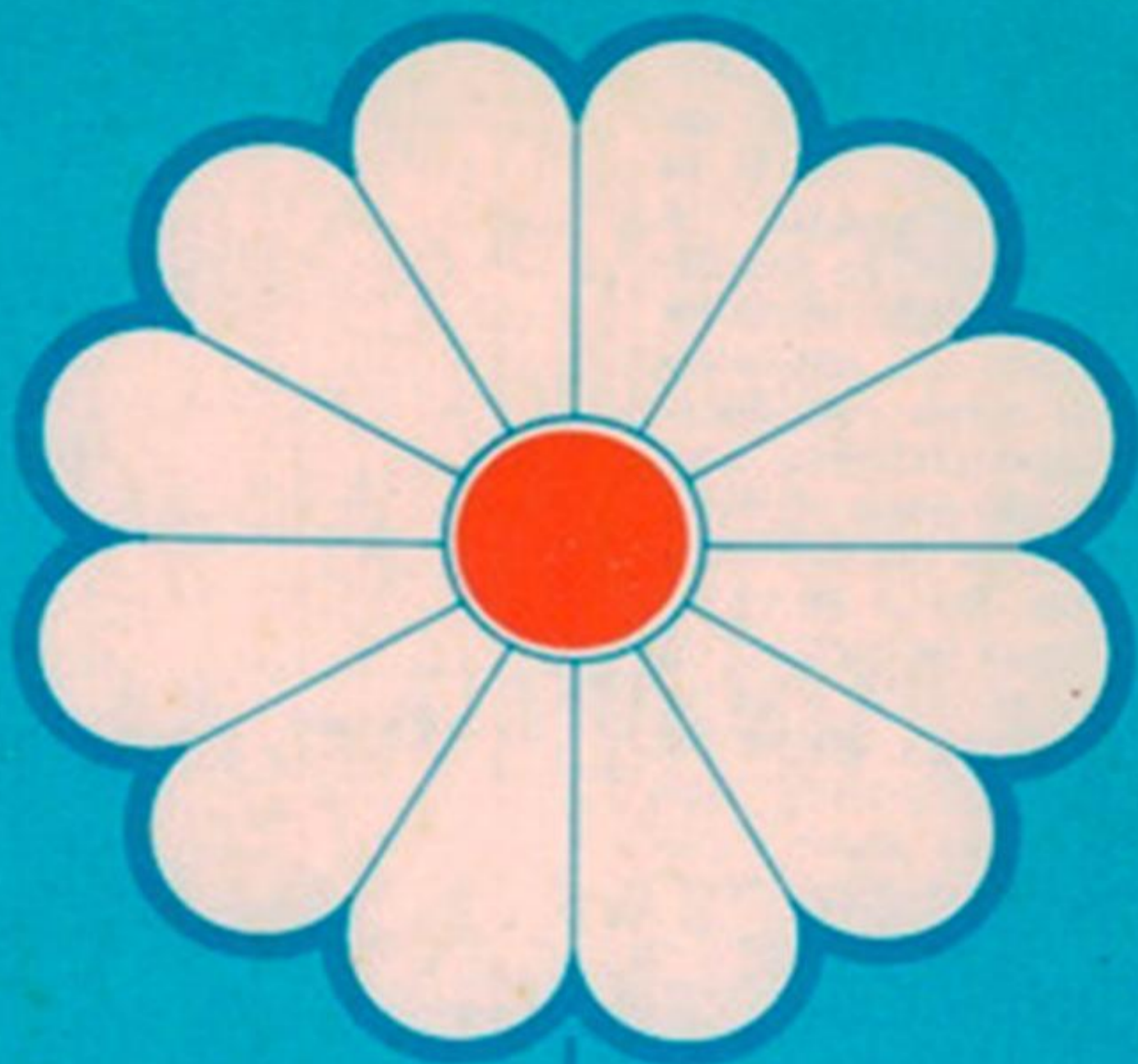


JACI REGIS



**AMOR
CASAMENTO
& FAMILIA**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

“*Amor, Casamento e Família*”, constitui uma sequência na linha editorial da DICESP, iniciada com “A Mulher na Dimensão Espírita”, que pretende oferecer aos estudiosos do espiritismo alguma nova contribuição no campo vivencial dessa filosofia. As duas obras, a segunda escrita em parceria com Marlene Rossi Severino ♦ Nobre e Nancy Puhmann di Girolamo, revelam nosso companheiro Jaci Régis em novas lides literárias, em complemento às suas atividades, dadas no jornal “*Espiritis- I mo e Unificação*”. Desde . ' bem jovem dedicado ao estudo do espiritismo, e à sua divulgação, Jaci Régis tem enriquecido sua experiência, ao lado de atividades profissionais, no trato diário com !uma centena de clientes da : Comunidade Assistencial Espírita “Lar Veneranda” (promoção integrada da família), do qual é presidente. E mais recentemente, como integrante do Departamento .de Assuntos da Família, da União Municipal Espírita de Santos, que desenvolve reuniões periódicas de casais, com destaque especial para os Grupos de Diálogo.

Outras edições DICESP

- “A Mulher na Dimensãd Espírita”, obra de Jaci Régis, Nancy Puhlmann di GirSlamo e Marlene Rossi Severino Nobre, j
- Jornal “Espiritismo e Unificação” — Mensár rio da União Municipal Espírita de Santos.
- Revista infantil “Sou Criança” — bimestralí-

A DICESP manténj, ainda, três bancas, uma li-f vrraria, e serviço de reerit bolso postal, exclusiva-? mente de livros espíritas,

- Clube do Livro Espírita.

Sede: Rua Itororó, 111 CEP 11.100 - Santos (SP)

Direitos autorais cedidos à

DICESP — Divulgação Cultural Espírita Sociedade *Civil* Editora

Rua Itororó, 111 - C.G.C. 58.268.228/001 - 11.100 Santos — São Paulo — Brasil

1* edição

5.000 exemplares — dezembro de 1977 Capa de Lorival Costa Produção de José Rodrigues

Composição e paginação: Linotipadora Expressa Ltda Rua Gomes Cardim, 323 — S. Paulo — SP.

À minha esposa, Palmyra e aos meus filhos, Valéria, Rosana, Cláudia, Gisela, Fernando Augusto e Marcelo, dedico este livro, desejando que nossa viagem, no frágil barco da família, nos ajude a encontrar o amor que nos unirá para sempre.

ÍNDICE

Pag.

Prefácio	5
1. A família na sociedade em mudança	7
2. Da caverna à Idade Moderna	21
3. A base religiosa na formação da família	33
4. Fundamentos afetivos na formação familiar	45
5. Paternidade e.....maternidade conscientes	59
6. Instrumentos de reavaliação do convívio familiar	<u>mHUWBWE</u> . 77
7. O sexo no lar..... ••	91
8. Problemas do casamento	109
9. Analisando o divórcio..	127
10.Olhando o futuro	141

PREFACIO

A problemática do relacionamento familiar, por especificar a necessidade de comunicação entre as criaturas, tomou-se um dos assuntos mais debatidos na atualidade, embora a abordagem baseada em conceitos materialistas ou religiosos-convencionais, não tenha contribuído para aliviar a carga da ansiedade e insegurança que flagela a maioria dos espíritos.

Enquanto a urbanização da sociedade desmontou o antigo modelo familiar, a desmistificação do sexo e a libertação feminina compelem os indivíduos a buscar novas formas de amor, que fundamente o relacionamento familiar em horizontes mais amplos e compensadores. A figura paterna entrou em revisão e o casamento é questionado, quanto à validade, durabilidade e conveniência. A vida familiar sofre duros choques, aumentando a ansiedade e a dívida, diante das responsabilidades que pais, mães e filhos assumem, num mundo conflitivo, angustiante e pressionado pelos fatos, trazidos à intimidade doméstica pelos veículos de comunicação de massa.

Realizamos este trabalho, tentando ordenar uma série de pensamentos, abordando algumas questões do amor, do casamento e da família, exprimindo conceitos pessoais, que refletem nosso entendimento da vida, à luz do espiritismo. A experiência do próprio núcleo familiar e o convívio com os problemas que afligem as criaturas humanas, exprimindo diferentes conceitos que elegeram para comandar seus destinos, nos permitiram compreender que são inócuos os modelos rígidos, as ordenações autoritárias ou simplesmente o apelo místico para ajudar o homem a encontrar respostas às suas perguntas. É preciso argumentar, estudar e enfrentar os problemas, sem as simplificações ou racionalizações que representam, antes de tudo, uma fuga à análise madura de todos os fatores que constituem o elenco das realidades humanas, somatória e expressão do processo da vida, que exercitamos há milênios.

Estamos convictos de que o espiritismo pode oferecer valiosos subsídios à compreensão desses fatores. Contudo, é imperioso nos afastemos das afirmações esquematizadas, e nos aliemos a quantos se entregam a um trabalho metódico e honesto, no entendimento do processo de crescimento das criaturas humanas, ofertando-lhes os instrumentos de análise da vida, como a imortalidade, a reencarnação e a visão evolucionista que sustentam as linhas mestras do pensamento espirita.

Se soubermos utilizar esses instrumentos, livrandó-nos dos preconceitos e idéias cristalizadas, que conduzem a julgamentos e condenações, abriremos uma janela para o homem comum, angustiado e aflito, emparedado no quarto escuro das corceções materialistas e espiritua- lista-convencional da vida. Isso porque o espiritismo nos dá instrumentos para encararmos a realidade sem fanta- siá-la, aceitando-nos e aceitando os companheiros de jornada evolutiva, abrindo-nos, porém, as asas do sonho e da esperança, na visão concreta do amanhã, que parte do hoje, em ciclagem infinita, mostrando os mecanismos da Justiça, da Misericórdia, do Amor e da Sabedoria que governam a vida, em qualquer dimensão do Universo.

Agradecemos aos amigos Antonieta Guimarães, Rafael e Carminha Ventura Régis, Myrian e José Rodrigues, que leram os originais e cujas sugestões nos ajudaram a concluir este livro.

Jaci Régis

Santos-SP, dezembro de 1977.

1 A família na sociedade em mudança

"Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços de família?

— Uma recrudescência do egoísmo".

(O Livro dos Espíritos, questão 775).

A existência terrena, frágil, imprevisível, curta, sofredora, inquietante, mas inevitavelmente cheia de angústia, é fato inerente ao processo evolutivo, a multiplicar-se em segmentos reencarnatórios.

A cada vida terrena, abrem-se novas opções para o espírito. E é no seio da família que ele retorna à experiência física. É no insubstituível regaço materno, no clima do lar, que encontra ou procura segurança para, novamente, reiniciar o aprendizado. No desdobramento de sua vida familiar, choca-se, aprende, ama, sofre, caminha. Alí começa sua tragédia, sua paixão, seu amor, sua existência, sustentada pelo afeto ou dilacerada pelo conflito.

O reduto doméstico navega como frágil barco, num mar de profundas vagas, conduzindo o potencial das necessidades emotivas do espírito. A família, reunindo em suas limitadas dimensões afetivo-espaciais, cargas emocionais não raro explosivas, que ultrapassam as barreiras do tempo, sofre os abalos de um momento histórico cruciante, em que se decidirá o futuro da sociedade humana.

Impossível que ficasse à margem dessa ciclópica aventura. Porque é causa e efeito das transformações sociais. Se dentro dela muitas vezes o ser chora a amarga tragédia da incompreensão e da solidão afetiva, fora, perambula sem morada, insatisfeito e aflito, irrealizado e áó.

Neste final de século, questiona-se a sobrevivência e a validade da família. Submete-se a instituição multiseccular a uma sabatina. Pergunta-se se continua útil, se resistirá à velocidade das mudanças, se é fonte de todos os males ou retaguarda de todo o bem.

O núcleo familiar já foi um círculo fechado, autônomo, economicamente preso à terra e às atividades manuais, com a compulsória colaboração de todos seus membros ativos. Foi escola, igreja, hospital. Em torno dela criaram-se mitos como o nome e a tradição familiar, os brasões, as genealogias e títulos. Sua honra foi, repetidas vezes, lavada com o sangue, gerando tragédias.

A urbanização da sociedade, a industrialização da economia, a estrutura do Estado moderno, as transformações decorrentes das guerras e reivindicações de grupos raciais e religiosos, forçaram a quebra da antiga estrutura doméstica.

Em outras palavras, a família foi esvaziada de muitas de suas funções. Entrou em crise, para adaptar-se a um processo de mudança.

Nas últimas décadas, principalmente depois da II Guerra Mundial, neste século, aceleraram-se as modificações, trazendo profunda perturbação ao relacionamento familiar, antes feito sob rígida convenção social.

Diz-se, com certa razão, que as sociedades se tomaram permissivas, isto é, cada vez mais toleram ou são levadas a tolerar atitudes que anteriormente sequer seria lícito imaginar.

Embora tenha-se tomado rotina uma apreciação negativa do momento histórico em que vivemos, não podemos deixar de apontar os pontos fundamentais dessa transição social, uma espécie de grande cartada jogada pelo homem, na construção de seu destino.

O homem é medido pelo seu valor econômico.

O materialismo atinge a culminância.

As religiões faliram.

Essa incômoda realidade exacerba o egoísmo, sepulta os valores fundamentais do espírito no tumulto das disputas e da aflição. Acumulam-se a ansiedade e o medo, desencadeando processo de desagregação social, devido ao vácuo moral por falta de diretrizes religiosas.

Como compreender essa avalanche de problemas, que geram intranquilidade e angústia, conduzem ao escárnio e ao desfibramento pessoal? A que nos levará essa torrente de mutações?

Não será exagero dizer-se que apesar da perplexidade das mudanças, ou quem sabe, por isso mesmo, o homem do Século Vinte começa a se descobrir, na sua qualidade de pessoa, acima das discriminações, das condições sociais, raciais e econômicas.

Estamos revisando os valores em que se fundavam os alicerces sociais. Essa revisão, contudo, não se faz de forma consciente, metódica, didática. Mas convulsionada, caoticamente. Rompe, abruptamente, o antigo equilíbrio, jogando por terra tradições, preconceitos, sem, por ora, divisar uma resposta adequada para todos os problemas.

Dissemos bem que o homem começa a se descobrir. Emerge de concepções alienantes, que o situavam em posição de desvantagem na estrutura da vida e ainda sem saber o que quer e como quer, aspira por liberdade.

Entretanto, o caminho não está isento de perigos e desvios. Ao contrário. Desacelerada a participação das idéias religiosas, avolumam-se os apelos à libertinagem moral, à frouxidão dos costumes. No fluxo das melhores aspirações, misturam-se imagens, idéias e atitudes perturbadoras.

Enfrenta o espírito humano sua grande decisão. Dizem alguns historiadores que, confundidos e inseguros diante da destruição do Império Romano, os homens da Idade Medieval refugiaram-se nos feudos e dormiram mil anos, embalados pela superstição e pelo medo. A Renascença foi um esforço penoso para recriar a cultura, recompor o conhecimento e descobrir a ciência, sepultada nas cinzas da intolerância e do obscurantismo.

Agora, quando não se trata da queda e da desagregação política de um império, mas da reestruturação global do comportamento humano, gerando insegurança, medo e intranquilidade, esperamos que ao invés de dormir mais mil anos na solidão dos feudos do egoísmo tecnológico, o homem do Século Vinte descubra sua natureza e inicie a era do espírito.

Quando o Império Romano desmoronou-se, o homem dispunha da mensagem do Cristo. Destorcendo seu apelo libertador, empenhou-se num processo de alienação da vida, contemplando o além.

Agora o espiritismo traz o além à realidade da vida, para que a existência humana se recomponha em bases de imortalidade e esperança.

II

Se é verdade que toda essa movimentação que marca nosso tempo levará o homem a descobrir-se, é também correto afirmar-se que ele se encontra envenenado pelo vírus do materialismo, tanto quanto o homem da Idade Medieval, estava inoculado pela superstição religiosa.

O materialismo, pregando a liberação dos instintos, em nome da liberdade, introduz a anarquia emotiva, levando milhões aos precipícios da loucura, porque esvazia o ser, retira-lhe a perspectiva espiritual que faz parte de sua estrutura psicológica. Criam-se os conflitos e exacerbam-se as paixões.

Mas, embora o tom de naturalidade com que pretende violentar a si mesma, a maioria perturba-se e deprime-se, penetrando o penoso caminho da insatisfação, porque o espírito tem a medida de sua dignidade, e quando se precipita na zona da irresponsabilidade e da perversão, a vergonha e a culpa se instalam em seu coração, desequilibrando-lhe a vida.

Por seu lado, os cristãos, representados pelas igrejas, encontram-se preocupados com seus dogmas e normas de comportamento. Pelo menos parece que a maioria dos sacerdotes não encontra motivações para insistir sobre regras rígidas, convencidos da inocuidade das condenações.

Defendem, é verdade, a natureza espiritual do indivíduo. Mas permanecem ligados à concepção de uma vida futura estática e finalista.

Não desmentem a existência de Deus, mas sentem dificuldades, cada vez maiores, para compatibilizar Sua presença no mecanismo da vida, diante do esvaziamento das igrejas e do ideal religioso.

Procuram melhorar o diálogo entre os componentes da família, na tentativa de preservar-lhes os valores, contudo, enfrentam grande embaraço para explicar ou justificar os conflitos mais profundos que determinam a desagregação do lar.

. Estimulam o casamento, em bases sadias, abandonando, de há muito, as imposições, mas não progredem no sentido de dar estabilidade à união matrimonial, porque embora os cursos e seminários sobre o casamento, continuam fixados nos mesmos conceitos que não conseguiram, no decorrer dos séculos de cristianismo, satisfazer as criaturas. Por isso, embora a indissolubilidade do vínculo esponsalício, que a Igreja Católica persiste em defender, avolumam-se os divórcios e as separações.

A angústia desta hora é a suprema opção do indivíduo, diante da própria liberdade. O homem precisa aprender a ser livre. Muitos desconhecem que o livre arbítrio é instrumento precioso, capaz de abrir ao espírito dimensões insondáveis para seu crescimento. Contudo, traz como consequência inevitável a responsabilidade.

À leviandade julga que só existe uma face da moeda. Age inconsequentemente, desgasta as energias, dilapida o patrimônio do tempo. Quando a vida reage, com respostas contundentes, em vão levanta as mãos para os céus, pedindo justiça: esta se manifesta na aplicação da Lei e não, como sonham, no acatamento de suas petições e protestos.

Por isso, se alguém, apavorado com o vórtice das mudanças, com a audácia dos levianos e maus, com a desagregação dos postulados sociais, pergunta: Até quando a vida será essa agitação conflitante, esse redemoinho de paixões? A resposta é simples: a vida responde, apenas.

Ações, atos, desejos, projetam respostas no tempo e no espaço em inevitável ciclo de reação. Por isso, pode-se dizer que as respostas serão agressivas, duras, sofridas, enquanto as atitudes permanecerem no nível das paixões.

III

Houve tempo em que as condições do ambiente social não desencadeavam influência dispersiva e inquietante, como hoje se verifica. Então, a formação doméstica, o domínio da disciplina familiar, exerciam pressão capaz de frear a expansão das idéias, contrárias aos princípios estabelecidos.

Agora, psicólogos, sociólogos, hippies, psiquiatras, escritores, filósofos, jornalistas, formulam teorias sobre o comportamento humano ou veiculam procedimentos de pessoas desequilibradas ou não, de sensibilidade doentia ou inovadoras. Audaciosos introduzem vestuários exóticos, apresentam-se de maneira libertina. Os vícios são consagrados pela propaganda que estimula as paixões. O sexo, de tabu, exorbita o limite do razoável, explorado em seu aspecto erótico, através de imagens, literárias e vivas, estas por meio do cinema, da televisão e fotos de jornais e revistas.

Essa massa de informações e apelos produz, pelo menos, confusão. Como a maioria dos espíritos encarnados neste mundo, ainda não superou a fase de indecisão diante do destino e encontra-se presa às emoções primárias, tais solicitações encontram eco e enfraquecem o ambiente doméstico.

Somem-se a isso, as exigências da sociedade de consumo em que vivemos, exaurindo o indivíduo que precisa lutar por ocupar seu lugar, afirmar-se pessoalmente, através de colocação profissional, bons salários e rendas para consumir, pagar os alimentos, o necessário e o supérfluo. De resto, sobram as preocupações com o lazer, com a educação.

Para situar-se nesse quadro, o indivíduo precisa desdobrar todas as energias mentais. Talvez essa multiplicação de ansiedades explique porque as clínicas psicológicas e psiquiátricas constituem hoje um bom investimento. Cientistas e profissionais substituem o sacerdote nas confissões, recomendações e medidas corretivas para pessoas imaturas e esmagadas pela velocidade e pelo peso das mudanças. Só que os sacerdotes escandalizavam-se com o pecado. Os profissionais acham tudo natural e alguns, também bastante desequilibrados, incentivam os desvios e as deformações de caráter, a pretexto de libertar da repressão psicológica ou exageram na aplicação de entorpecentes e calmantes.

Em suma, o homem moderno, cada vez mais poderoso em armamentos destruidores, mais senhor da tecnologia e da ciência, enfrenta um desafio decisivo. Não haverá, porém, saída nem solução, se não for aberto acesso a uma nova compreensão da vida, uma abertura espiritual para a problemática existencial.

Essa a contribuição do espiritismo.

O espiritismo revela a natureza espiritual da criatura humana. Essa revelação, baseada na pesquisa científica é, ao mesmo tempo, niveladora e amplificadora da vida. Niveladora porque estabelece uma natureza comum, basicamente idêntica para todos, na qualidade de espíritos, sem sexo formal. Amplificadora porque amplia os horizontes da vida, que passa a ser efetivamente imortal, porque a imortalidade não é um tempo depois da morte, mas uma continuidade existencial, completa, rica, dinâmica, a projetar-se no processo reencarnacionista, pela lei da evolução.

As provas científicas da existência e imortalidade do espírito são abundantes. William Crookes conseguiu-as nas materializações de Kate King. O fenômeno é tão real e importante que Charles Richet criou a Metapsíquica e, modernamente a Parapsicologia tenta, como a ciência fundada pelo sábio francês, encontrar outra explicação que não a espírita para os fenômenos mediúnicos. Em vão.

O espírito existe e está provado. A questão de atender às exigências e vencer os preconceitos científicos depende de tempo e oportunidade e virá quando conveniente, porque a verdade se impõe.

Essa verdade, quando universalmente aceita, estimulará fundas modificações no caráter e nas relações humanas.

Quanto à negação de Deus, a questão nos parece mais de semântica do que concreta. Nega-se um Deus antropomórfico, o Deus-Jeová que as igrejas trouxeram do judaísmo. Claro que os materialistas puros, irracionalmente, atribuem a formidável obra universal ao acaso, mas isso é tão absurdo que deveria corar os que o afirmam. Contudo, o Deus que o espiritismo revela está bastante distante do Deus-parcial, impotente e incompetente que ensinaram através dos tempos. Nada tem a ver com um Deus de humor humano, com sentimentos de vingança e privilégios. Que castiga e premia. Que condena e perdoa.

O Deus que a doutrina espírita revela, é Pai, porque impregnou o universo de Amor. É justo porque estabeleceu um roteiro de progresso para todos, a partir da simplicidade e da ignorância, oferecendo oportunidades de ascensão, sem discriminações ou favores, mas baseadas no desenvolvimento do potencial intrínseco de cada um. Em outras palavras, criou um ser perfectível e lhe ofereceu os instrumentos necessários e suficientes para se tornar perfeito: a vida e o tempo, um e outro infundáveis.

Colocando o homem na posição-de espírito em progressão, compreendendo seus estágios evolutivos e esclarecendo que a evolução se faz pela acumulação de experiências vividas em segmentos reencarnatórios, o espiritismo dá um arranjo geral na posição das pessoas e dos fatos. Além disso, diz também que os atos estão subordinados à lei de causa e efeito ou ação e reação e que o envolvimento emocional produz uma afinidade ou atração psíquico-magnética irresistível, de modo que os protagonistas de dramas e ações passionais, emotivas, afetivas, se ligam, se buscam, se encontram, atraídos pelo amor ou pelo ódio, necessitados de compensação vibratória ou de reajustamento mental.

Essa explicação, ainda que bem simplificada, lança uma luz sobre a causa-mais profunda dos comportamentos e desajustes humanos, a partir do núcleo familiar, espalhando-se pelo cosmo mental do indivíduo.

Assim, a contribuição do espiritismo será a ampla reformulação das bases em que se assenta o pensamento humano, dando-lhe novas perspectivas e ajudando o equacionamento dos problemas de relacionamento entre as pessoas.

Os princípios básicos do espiritismo, quando tomados isoladamente, pertencem ao acervo das experiências humanas, através do tempo. Imortalidade da alma, reencarnação, comunicação dos espíritos, a mensagem evangélica, têm sido tomadas e explicadas por inúmeras correntes do pensamento espiritualista da antiguidade e do presente.

Contudo, quando globalmente considerados, formam uma nova e extraordinária visão da vida, abrindo perspectivas revolucionárias para a compreensão do ser, do destino e da dor, apresentados em admirável síntese. E, melhor ainda, embora rigorosamente científicos, profundamente filosóficos, não criam sofisticações, não se embrenham em simbologia complicada e inútil, não se dirigem a um grupo iniciático. Oferecem o resultado da reformulação global do entendimento, em posições claras, ao alcance de todos, num renovado sentimento religioso, capaz de fazer cada um encontrar a si mesmo.

De posse desses instrumentos de análise, renovam-se as esperanças.

Reabilita-se o homem diante de si mesmo.

Encontra a grandeza de que é potencialmente portador.

Aprende a desenvolver essa potencialidade, através do relacionamento produtivo com seus semelhantes.

Desenvolve o senso crítico, compreende o passado, assume o presente e aspira o futuro na dinâmica da evolução.

Abre novo entendimento dos mecanismos do universo e situa, sem fantasias, a posição do Criador, descobrindo-Lhe a Justiça, a Misericórdia e o Amor.

Enfim, revivesce a mensagem de Jesus, cuja essência é exatamente o necessário e fundamental para o desencadeamento da integração do espírito com Deus, no tempo e no espaço.

O espiritismo, finalmente, oferece ao homem a religião no seu sentido mais nobre, baseada na fé raciocinada, discutida logicamente e vivida conscientemente. Uma libertação para o espírito.

2 Da caverna à Idade Moderna

"Os liâmes sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem os liâmes sociais: eis porque eles constituem uma lei natural".

(O Livro dos Espíritos, questão 774).

Segundo as lendas que acalentaram as antigas concepções humanas, tudo começou quando Adão, o solitário habitante do paraíso, sentiu necessidade de companhia. E o Criador, atendendo-lhe os rogos, enviou-lhe Eva. A simbologia bíblica diz, jocosa-mente, que a mulher está tão ligada ao homem- que é o desenvolvimento de sua costela e que o homem está tão necessitado da mulher que se desenvolveu nela através da costela.

Menos poeticamente, em linguagem objetiva, diz-se que a união do homem e da mulher decorreu da necessidade de atender aos problemas básicos da sexualidade, da procriação, do suporte econômico, da identificação pessoal e cultural.

A verdade é que, desde os incipientes acasalamentos dos primatas, jungidos uns aos outros, sob a atração instintiva do sexo, a família tem sido o ponto fundamental na coordenação do destino do indivíduo e da sociedade. Tem resistido ao tempo, às mudanças, à sucessão de eras e civilizações. É a mais antiga e estável instituição da História.

Entretanto ela mesma tem mudado muito.

Curioso assinalar como se caracterizou, desde logo, a posição do homem e da mulher na formação da família. A divisão do trabalho determinou posições específicas para cada um, estabelecendo a dependência da mulher em relação ao homem, devido, certamente, aos fatores da força física e do relacionamento sexual.

Essa dependência, contudo, não teria, necessariamente, um sentido pejorativo porque tanto um quanto outro contribuía para a sobrevivência. O fato de ter sido reservado ao homem as tarefas mais rudes da caça e da guerra, contribuiu para que a mulher desenvolvesse um tipo específico, a partir da maternidade, com o cultivo dos valores emocionais, direcionados para os filhos.

Refletindo as reminiscências do estágio no reino animal, o primata tomava posse da fêmea, exibindo a força. Mas podemos identificar na explosão das paixões, que então se iniciava, o primeiro sinal da busca do amor e as ligações profundas que começaram a estabelecer o relacionamento entre os espíritos, a desdobrar-se nos dramas passionais e nos conflitos que marcaram, desde então, a vida humana.

Naquele período, a noção de posse dos filhos não era óbcecante. Embora a infância humana tenha se caracterizado pela extrema dependência dos pais e sua fragilidade exigisse cuidados especiais, somente com o tempo o sentimento de clã e de particularismo familiar se desenvolveu.

Da mesma forma, a relação homem-mulher, espontânea e natural, entre os grupos iniciais, tornou-se uma forma de estratificação social, com a marginalização da mulher do centro das decisões, confinada a processo educativo tendente a incliná-la para as atividades rotineiras e bitolantes e, finalmente, constituir-se, como regra geral, em objeto sexual do homem.

II

Deixando a vida comunitária das tribos primitivas, o homem criou o instituto da propriedade particular, dando início à mensuração econômica que ainda hoje determina o relacionamento humano.

Estabelecido o primado econômico, que reflete as aspirações de posse, poder e arbítrio pessoal, cada qual ocupou um espaço que reservou como seu. Por ele lutou e guerreou. Começaram as disputas e a Usurpação.

Essa nova forma de comportamento deu estrutura mais concentrada para a família e gerou a necessidade de aumentar seus membros a fim de consolidar as conquistas, expandir a produção e desenvolver os meios de subsistência.

Assim, a família inicial, formada a partir de ascendentes instintivos e sobrevivência física, passou por transformações para atender às necessidades sociais, políticas e econômicas, conforme a sociedade se tornou complexa.

III

Com Jesus começou a valorização da mulher e uma nova concepção no relacionamento entre as pessoas. Chega-se a apontar como muito significativo o fato de ter iniciado sua tarefa nas Bodas de Caná, dando cobertura ao núcleo familiar.

Entretanto, se devemos ao cristianismo, que se encarregou de difundir a mensagem de Jesus, a reafirmação dos laços da família, cabe-lhe também a culpa de deformar-lhe a estrutura.

A implantação do cristianismo, no Ocidente, deu-se durante a Idade Média, assim chamado o período de dez séculos, contados de 395 até a queda de Constantinopla, em 1453.

Nesse longo período da história humana, disseminou-se uma falsa concepção da existência terrena, entendida como um capítulo desprezível e difundiu-se a idéia da felicidade além-túmulo, na conquista do céu. Uma nuvem obscurantista abateu-se sobre a civilização ocidental, ilhada nos feudos e aceitando, como verdade, absurdas credices e teorias insustentáveis.

Então, embora valorizando a família ao extremo, impuseram-se aviltantes condições e aceitaram-se profundas discriminações pessoais e sociais. De um modo geral e simplificado, atribuía-se ao chefe do clã, uma autoridade inquestionável. Impunham-se sufocantes limitações ao indivíduo.

A união conjugal não representava propriamente uma escolha emotiva, mas uma decorrência social. Não havia obrigação sequer de uma simpatia cultivada, na formação das famílias. Exigia-se, sobretudo, rígida noção de dever, conforme o figurino social adotado.

A mulher deveria submeter-se à autoridade do marido, manter relações sexuais quase impessoais com ele, gerar filhos e educá-los ou pelo menos dar-lhes cobertura afetiva.

Por sua vez, apesar da arrogância, o homem não era livre porque também tinha que submeter-se às injunções econômicas e tradicionais de seu grupo familiar.

Não exageraremos em dizer que esse modelo de família dispensava o diálogo. As coisas seguiam um certo ritmo. Conforme a classe social, os filhos seguiriam invariavelmente um caminho profissional que correspondesse à ocupação do grupo familiar ou seriam preparados para as artes da guerra, da política ou para o sacerdócio.

Lamentável que esse tipo de família tivesse lugar sob o cristianismo ou mais precisamente sob a orientação da Igreja. Desprezava-se a liberdade de escolha, aliás, tornava-se impossível exercê-la dado os condicionamentos impostos. Esse modelo postigo, de fachada, infelicitou milhões de espíritos, vitimados pela prepotência, enredados em dramas passionais, que ainda hoje repercutem no desdobramento existencial e reencarnatório.

Tal estado de coisas deu oportunidade a que grande parte se entregasse a uma vida paralela, fora do lar, porque neste imperava, via de regra, o comportamento formal, frio, decorrente de deveres. Entretanto, a reciclagem reencarnatória, com a rotação dos personagens para posições opostas, nas múltiplas vidas, ensejou curiosas ocorrências, que de resto, fizeram a História. Porque a atração do amor, as ligações afetivas mais profundas, pertencendo ao acervo emotivo do espírito, sobrepõem-se aos obstáculos e discriminações.

Movidos por essa atração ou pela paixão, em toda a parte, homens e mulheres furaram o bloqueio das convenções, buscando a união

espontânea. É verdade que isso, em muitos casos, criou outros tantos problemas, porque certas separações entre espíritos simpáticos obedecem à necessidade de ajustamento e renovação do caminho. De qualquer forma, apesar de tudo, forneceram elementos para que se mudassem, com o tempo, as rígidas disposições que permitiam ao chefe da família decidir, sem prévia consulta, o casamento de uma filha ou de um filho.

Um casamento e, por consequência, uma família estabelecida nessas bases, não fornecia, como é evidente, alimento espiritual aos cônjuges. É forçoso reconhecer, contudo, que mesmo nessas condições foram criados laços imperecíveis, agrupando, para sempre, espíritos amantes, formando famílias espirituais, que evoluíram em conjunto, ajudando-se mutuamente, na criação do amor. Se muitos, talvez a maioria, se comportaram de forma repreensível, dentro dos compromissos familiares, se ali se forjaram dramas e paixões que infelicitaram seus corações, projetando trevas para o destino, outros souberam acender luzes e solidificar amizades imorredouras.

IV

No longo tempo que decorreu entre a caverna e a Idade Moderna, o princípio espiritual que ascendeu à razão, atingindo o nível hominal, aprendeu muito. Deve à família, ao casamento, o treinamento intensivo para ordenar as forças emotivas. Foi no esforço para orientar e sustentar a prole, foi na alegria de ver materializado no filho, o potencial criativo que lhe é inerente, que o espírito alcançou a dignidade da maternidade e da paternidade.

Abraçando os filhos, chorando e sofrendo com eles, valorizou o tempo, desejou o progresso e mudou a face da Terra. Homens e mulheres, na realidade espíritos imortais vestindo a roupagem diferenciada do sexo, estudaram na escola da vida as primeiras letras do amor.

Se nos defrontamos ainda hoje com os problemas de relacionamento que perturbam as pessoas, se continuam os desajustes emotivos que marcam os casamentos e identificam a família, é porque a maioria se mostra desatenta e imatura no manejo da sensibilidade, na escolha e no dispêndio das energias afetivas.

A paixão, a posse, o poder representam ainda hoje, em escalas estilizadas e em manifestações aclimatadas às circunstâncias, a mesma angústia existencial, a mesma imaturidade emotiva a trair a esperança do amor, por ora revestido do egoísmo e desejo sexual, que assinalaram a trajetória e a projeção do potencial criativo do espírito no transcurso das eras.

Os conflitos que se acumulam na atualidade, aturdindo a mente e lançando a dúvida, representam a somatória dos problemas não absorvidos, das questões não solucionadas no caminho do espírito, nas múltiplas reencarnações.

As tensões da vida moderna, entrecortada de tragédias e exigências, a velocidade das mudanças, traz uma sombra sobre a instituição do lax. As questões se abrem, sem encontrar, para a maioria, as soluções suficientes e adequadas para satisfazer o coração e tranquilizar a mente.

V

Figuremos o primata olhando atônito e inseguro a vastidão das planícies e o esplendor das noites estreladas. Nas limitações de sua mente em desenvolvimento, sentiu a angústia da solidão, a necessidade de trocar o impulso que o impelia à melancolia e ao sofrimento.

Buscou a companhia de uma mulher. No aconchego da intimidade, sentiu, mais do que compreendeu, que entre tantas, uma lhe correspondia melhor às necessidades. Olhou no seu olhar e viu um brilho diferente, agarrou-a pelos cabelos e levou-a para morar com ele na caverna escura. Por sua vez, aquele gesto agressivo, bruto, primário, trouxe ao coração dela, mais sensível desde o início, uma sensação diferente e ao entregar-se aos carinhos displicentes e autoritários dele, percebeu um calor e uma sensação gostosa de bem-estar e prazer.

Desde então, na romagem infinita, que compreendeu as longas jornadas pelas estradas empoeiradas de todas as eras, a travessia dos mares e a construção do mundo moderno, continuam a procurar-se, a sentir estranha compensação ao estarem juntos.

É que desde aquele primeiro instante se amaram. Entretanto o amor precisa crescer, aperfeiçoar-se, engrandecer-se. Muitas vezes, perderam-se em experiências emotivas, compromissando o futuro. Mas o amor não morre: universaliza-se, expande-se, toma-se altruísta, engrandece-se pela doação.

Como se tivessem nascido uns para os outros, buscam-se nos caminhos da vida, aspirando à união permanente.

Essa, a gênese do casamento. A semente da família. O caminho do amor.

3 A base religiosa na formação da família

"Aquele que se vangloria de adorar o Cristo mas é duro e implacável com os outros ou ambicioso de bens mundanos, eu vos declaro que só tem a religião nos lábios e não no coração".

(O Livro dos Espíritos, questão 554).

A base da sociedade, da família, em todos os tempos repousou sobre a idéia religiosa. Da taba aos nossos dias, a ligação do indivíduo, as raízes da moral e da legislação, refletiam o entendimento da participação divina nos destinos de cada um.

Esse fator foi positivo até o ponto em que estabelecia metas e objetivos compatíveis com o entendimento possível, em cada época. E profundamente negativo, quando utilizado para impor princípios de prepotência, de subordinação e autoridade. A começar pelo direito divino dos monarcas, pela autoridade sacerdotal e finalmente pela formação divina da família. Ao rei, atribuía-se, em nome de Deus, a herança das terras e dos homens. Ao sacerdote, a capacidade de decidir sobre a eternidade. Ao pai de família, poderes que ultrapassavam os limites de um relacionamento humano, transcendendo para uma posição de guardião da honra familiar, do destino dos filhos, com autoridade que se rivalizava com os dotes divinos.

Sacramentava-se o casamento e a formação da família em nome de Deus, como obra acabada, definitiva. Insurgir-se contra a autoridade paterna, rebelar-se contra as sufocantes tenazes dos preconceitos e interesses familiares, era cometer pecado mortal. Em verdade, viver fora da família era intolerável. Ou tomavam-se ordens sacerdotais, muitas vezes impostas ferreamente, ou aceitava-se consorciar-se com alguém, de maneira geralmente alienada.

Embora se realizassem uniões afetivamente compensadoras, a prepotência, o preconceito, infligiam dolorosas aberrações emotivas. Desprezando as aspirações da união espontânea, criaram-se dramas que custaram lágrimas e sofrimentos profundos, marcando almas sensíveis, precipitando espíritos imaturos na loucura e no ódio.

Agora que as normas religiosas convencionais deixaram de ter significado na formulação das regras sociais, em que bases se formarão os lares? Em que se apoiará a família?

Diariamente os legislativos de países de tradição cristã, aprovam leis e regulamentos que destroem as bases religiosas da sociedade. O princípio espiritualista da existência de uma alma nas pessoas, jaz desprezado e impotente. O aborto legal, por exemplo, ganha terreno em países tradicionalmente católicos e protestantes. Há um ascendente materialista comandando o comportamento social. O feto é considerado um pedaço amorfo de carne, sem qualquer ligação com o fato espiritual da procriação, tomada, em tais casos, como um azar relacionado com o prazer sexual.

Em vão lutam as igrejas para fazer prevalecer seus argumentos sobre o começo da vida na fecundação ovular. Milhões de mulheres, perante o problema de uma gravidez indesejada, submetem-se, legal ou ilegalmente, em toda a parte, aos processos médicos ou curiosos que provocam o aborto. Esse é apenas um, entre tantos exemplos, da falência dos ascendentes religiosos na formulação do comportamento humano, na época atual.

Abriu-se, na sociedade moderna, um imenso e inesperado vácuo, em que a maioria se viu precipitada. Até alguns anos atrás, determinados preceitos estabeleciam um caminho, uma harmonia ao procedimento social. Embora os rebeldes, a parcela maior da população ajustava-se a esses regulamentos. Havia uma clara definição do bem e do mal. De uma hora para outra o castelo ruiu. Ninguém estava autorizado a dizer, de forma incontestável, o certo e o errado. Poucos ainda querem a autoridade divina. Nem governos, nem sacerdotes e muito menos os pais.

Cada um recolheu-se à insignificância de sua impotência para entender e absorver o volume de questões, problemas e controvérsias. É claro que ainda existem remanescentes. Ou ilhas de entendimento e lares orientados positivamente. Falamos em tese.

Descaracterizada de sua tradição religiosa, deixada de lado sua natureza divina, a família encontra-se diante de uma realidade: é uma construção humana e como tal, precisa evoluir, ajustar-se, encontrar novas formas de relacionamento e funções.

Seria isso um sinal dos tempos?

Quando Galileu Galilei afirmou que a Terra se movia, foi uma subversão. Entretanto ela se movia mesmo. Quando a escravidão negra foi abolida no Brasil, pensava-se que era o fim da sociedade, da economia. Contudo, o negro assume, hoje em dia, vertiginosamente, seu lugar no mundo, quando em nosso país não tinha nível humano há menos de 100 anos.

Sinal dos tempos é uma questão positiva. É marca de mudanças, de transformações. Infelizmente tem sido também de violências e traumas. Que poderiam ser evitados. Mas quem quer abandonar o egoísmo pelo cultivo do amor? A maioria só sublima o egoísmo a custo de muito atrito e choques. Por isso, as mudanças assustam, desequilibram e promovem transições dolorosas para quase todos, agarrados a uma visão estreita dos fatos, presos ao conservadorismo de seus interesses e prazeres.

II

Dir-se-ia, então, que o caos permanecerá? Que os fatores materialistas dominarão definitivamente o comportamento humano? Que a sociedade que se está construindo desprezará os valores espirituais?

Afirmamos que na Idade Média, o homem estava dominado pela superstição religiosa. A reação, através do tempo, levou-o ao exagero da negação, do materialismo, que atendendo aos apetites da imaturidade espiritual, parece adequado e confortável, por livrá-lo da disciplina e dos objetivos espiritualizantes.

Mas ninguém permanece indefinidamente na imaturidade. Nem o indivíduo, nem a sociedade. Os excessos corroem o equilíbrio. E o desequilíbrio que se segue, é doloroso e incômodo, forçando a procura de um novo equilíbrio.

Baixada a máscara de uma ordem social fundamentalmente hipócrita, por insincera, retirada a autoridade que mantinha o sistema, cada um tem que escolher seu caminho. Não se pense que isso seja confortável e seguro para a grande maioria, de início. A mente ociosa e limitada acostumada a obedecer normas, a controlar-se dentro de canais definidos, encontra-se, agora, perturbada e aflita, porque tem que raciocinar e escolher. A princípio, como a ave que nasceu numa gaiola e libertada não sabe para onde ir, encontra-se perdida.

Não se pode pensar mais, seriamente, em religião em termos antigos. Que valor possuem, efetivamente, cultos, cerimônias e hierarquias? O tempo é de participação e escolha. A religião que integre o ser humano no universo, que explique o mecanismo da progressão individual, as causas mais profundas das angústias do coração, é a religião que o homem procura. Sim, porque a base religiosa é a sustentação do indivíduo; constitui uma necessidade fundamental do espírito, pois representa, em lato sentido, um elo indispensável de interação da criatura e do Criador.

A sustentação religiosa que se procura e deseja não pode ser uma dose de fantasia, como outrora. Há de ter bases concretas, que enfrentem a razão, as exigências e as perguntas do homem e da mulher do mundo atual.

Dissemos que em toda a História, a família, a sociedade, fundamentaram-se em raízes religiosas. O estágio atual em que, aparentemente, tudo isso é desprezado, representa em verdade uma pausa para o reexame dos caminhos seguidos. Porque a idéia de Deus está inserida na consciência mais profunda do espírito e integrar-se Nele é sua aspiração mais íntima, meta natural que se concretizará no tempo. O que se deseja e procura, agora, é uma nova dimensão para o sentimento religioso, em que novamente se apoiem o indivíduo, a família e a sociedade. Uma concepção que liberte o espírito, que amplie sua visão interior e lhe indique um caminho racional, em que todas as suas forças criativas encontrem expansão, justificativa e esperança.

O homem procurará esse sentimento religioso, não nos olhos esbugalhados de algum visionário ou na palavra tresloucada de pregadores impulsivos. Nem o encontrará na eclosão de fenômenos espetaculares, em curas milagrosas. Mas a partir da reflexão de si mesmo, na elaboração de pensamentos e raciocínios lógicos, porque a obra divina se apoia em dados concretos, caracterizáveis, compreensíveis.

A nova dimensão da religiosidade nada terá de sobrenatural, de secreto ou doloroso. Representará a integração gradual, espontânea, sequencial, na obra divina, descoberta a cada lance da existência. Moverá todas as fibras do espírito, que embora trabalhado pela angústia, pela dor, por sua realidade moral, ainda assim, encontrará motivos para amar, porque só o amor sustenta e justifica a vida, suplanta a dor e renova o caminho.

Enfim, redescobrirá a fé, esse elemento indispensável ao equilíbrio do indivíduo, que lhe sustenta nas lutas e lhe divisa o futuro. E a fé, para suportar a avalanche das contradições humanas, tem que ser racional, apoiar-se na experimentação, extrapolando-se na transcendência do espírito. E para que a fé se caracterize como elemento positivo, atuante, desencadeador das potencialidades do homem, há de mostrar-lhe a presença de Deus na vida. Porque não há possibilidade do indivíduo crer em si mesmo e no seu próximo, jogar toda a carga emotiva que lhe é característica no trabalho produtivo, na atividade criativa, se não apoiar-se na certeza de um princípio inteligente, partidor da Suprema Justiça, fundamento do amor que sustenta a vida.

A fé religiosa é, pois, a base da formação do indivíduo, porque compatibiliza suas aspirações mais profundas, que incluem a permanência da vida, com o suporte de uma estrutura moral para o universo.

III

É por essa razão que o espiritismo objetiva, sobretudo, um anelo religioso para o comportamento humano, para a elaboração dos fundamentos sociais. É uma tarefa difícil porque se trata de restaurar, de renovar, de trazer de novo um sentimento que aparentemente tinha sido superado, e se mostrado incapaz de satisfazer ao homem e responder às suas inquietações.

Entretanto, em sua estrutura encontraremos todos os requisitos para compor a religião reno- 41 vada que aspiramos: sem dogmas, sem ritos, sem sacerdotes. Uma religião que se expande e aperfeiçoa, que encontra sua força nos próprios fundamentos e não num rígido esquema hierárquico. Enfim, a religião e não uma igreja. Porque muitos poderiam confundir o clima de religiosidade positiva que o espiritismo desencadeia, com a volta mais ou menos disfarçada das atividades desenvolvidas pelas igrejas.

Embora impregnando a vida de fé, o espiritismo pode desmistificar a família, sem descaracterizá-la. Pode fornecer elementos palpáveis para a compreensão do universo familiar, reajustar os choques do relacionamento entre pessoas, oferecendo horizontes espirituais capazes de explicar e justificar a necessidade de superação de atritos e problemas. Colocando o ser na sua posição de espírito em processo evolutivo, nos mecanismos reencarnatórios, ele permitirá um redimensionamento na compreensão do universo familiar, dando bases seguras para a mudança de concepção do papel e das realidades de cada um de seus membros. Chegaremos, por essa via, a relacionamento maduro, responsável, em que o indivíduo poderá aceitar sua participação no grupo em termos de consciente determinação para superar obstáculos, aproximar e entrelaçar sentimentos.

Esse quadro é basicamente religioso porque a revelação dos fundamentos morais do universo, em princípios rigidamente justos e misericordiosos, a sensação de imortalidade e permanência, a certeza de reencontro de personagens de vidas anteriores, a compreensão de que os componentes do conjunto familiar são espíritos vividos em experiências passadas, criam necessidades mais profundas de ligação com a divindade, manifestada em sua sabedoria suprema e no seu amor ilimitado.

Podemos afirmar que a História se fará, ainda e sempre, em bases religiosas, embora seja certo que a sociedade que se espera construir dispense o elenco de prejuízos das igrejas e dos intérpretes privilegiados das verdades. No pleno exercício da liberdade consciente, o espírito terá por templo o universo, por altar a consciência, por lei a caridade e por imagem Deus, em espírito e verdade.

4 Fundamentos afetivos na formação familiar

“Os espíritos também formam famílias pela similitude de suas tendências mais ou menos purificadas, segundo sua elevação”.

(O Livro dos Espíritos, questão 215).

Definidos os fundamentos gerais do pensamento espírita, constatamos que, embora alterando de forma global o entendimento espiritualista e materialista, ele enfatiza o papel formativo da família, agora sob ângulo mais amplo.

Não obstante o desenvolvimento das potencialidades intelectuais do espírito seja fundamental, verificamos que se a inteligência aprimorada permite avanços surpreendentes na compreensão e utilização das forças da natureza, somente o equilíbrio emotivo garante o domínio de nós mesmos.

É fácil entender. Enquanto trabalhamos com elementos externos, físicos, controláveis pelas reações e mecanismos tecnológicos, dispndemos a energia num processo que se desdobra sem conseqüências reativas no campo pessoal.

Entretanto, quando nos relacionamos no plano humano, espiritual, defrontamo-nos com forças a reagirem constantemente, desencadeando interações emocionais, por onde o dispêndio de energias criativas se ajusta, multiplicando emoções agradáveis, compensatórias ou se atrita, estabelecendo conflitos.

Ao se unirem, um homem e uma mulher, defrontam-se com suas emoções. Permutam experiências afetivas no campo do sexo, buscando no prazer a canalização das energias criativas represadas. Relacionam-se nas idéias, a nível intelectual e de sensibilidade. Convergem, msmo que temporariamente, ansiedades, desejos e aspirações para um ponto de encontro, tentando desenvolver atividades conjugadas e se ajustarem mutuamente.

Esse homem e essa mulher não são unidades isoladas no mundo. Pertencem a uma sociedade, provêm, por sua vez, de famílias. Integram um ciclo humano, profissional, religioso. Absorveram idéias, refletem sentimentos, posições, entendimento diversificado. Dentro do condicionamento de nossa realidade humana, procuram, antes de tudo, a felicidade pessoal, que anteviram nos enlevos do namoro e nos compromissamentos do noivado.

Em tese, reencontraram-se para desenvolver um trabalho específico no relacionamento emotivo, na criação de uma família, dando oportunidade à reencarnação de espíritos afins, que, mergulhados no sono hipnótico do processo reencarnatório, se oferecem à sua influência. O conjunto assim formado, passará a ligar-se por profundos condicionamentos afetivos e laços psíquicos, a exprimirem sua concepção familiar.

Entretanto, uma visão panorâmica dos núcleos familiares, sob o ponto de vista de sua operacionalidade, mostra uma quantidade infindável de contrastes, que caracterizam o grau de moralidade, intelectualidade e aspirações que determinam suas existências.

Embora essa extrema diversidade de comportamento, exprimindo a realidade de seus integrantes, tentaremos enfeixar os grupos familiares em três designações gerais para procurar uma compreensão do fenômeno da atração afetiva que caracteriza os lares. Essas designações são, em relação às famílias: afetivamente compensatórias, afetivamente amorfas e afetivamente passionais.

As famílias enquadradas na designação afetivamente compensatórias, embora grandemente diferenciadas entre si, compreenderiam as que apresentam uma unidade emocional, psíquica, intelectual e moral razoavelmente equilibrada e produtiva, entre os pais e filhos. As afetivamente amorfas, sintetizariam os processos de relacionamento incompensatório, de grande instabilidade e que embora não alcancem níveis de conflitos angustiantes, também não estimulam a formação de liames mais profundos. A interação dos membros desses grupos é muito superficial e insuficiente para gerar uniões permanentes, por isso tendem a desagregar-se com facilidade.

Temos, por fim, os grupos afetivamente passionais onde os traumas, os conflitos, os desajustes, atingem o clima de tragédia, desde as que ocultamente dilaceram o coração, até as agressões abertas, os crimes.

Na atualidade evolutiva de nossa humanidade, essas três posições constituem as bases para construir uma curva de normalidade: as famílias afetivamente compensatórias e afetivamente passionais, constituem grupos minoritários, permanecendo a maior parte no campo das afetivamente amorfas. Isso significa que o esforço de esclarecimento e uma tomada de posição por parte da maioria das pessoas, poderá desenvolver um relacionamento compensatório, através do cultivo da aceitação recíproca, pelo desencadeamento de ligações produtivas, chegando à simpatia, se abandonadas as atitudes de egoísmo e orgulho que separam, injustificavelmente, as criaturas que se atraem na coexistência doméstica.

Nas famílias que chamamos de afetivamente amorfas, e que constituem a maioria, não se chega a uma relação mais compensatória, porque cada um antepõe obstáculos emotivos, que vão desde a indiferença até o abandono, quando poderiam, se quisessem, obter uniões razoavelmente gratificantes. O que acontece é que quase sempre absorvemos e nos comprazemos com padrões mentais que nos tomam satélites de mitos e interesses egoísticos, ajustando-nos a um nível de compromissamento pessoal demasiadamente imediatista. E com isso, por ociosidade, indisposição íntima para a doação, para a participação, para o cultivo de ideais, criamos uma atmosfera de antagonismo e incompreensão, não encontrando satisfação plena no interior de nós mesmos, nem no convívio com os parceiros da vida do lar. Em resumo, renunciamos às delícias do amor, por comodismo, insensatez e subordinação às paixões.

As famílias afetivamente passionais reúnem espíritos em evidente processo de desequilíbrio emotivo, incapazes de superar, de imediato, as causas profundas dos choques que, em vidas anteriores, geraram na troca de energias afetivas. Estão marcados por conflitos interpessoais, a que foram chamados a superar, pelos laços familiares. Contudo, pelas mesmas causas anteriores, muitos continuam a guerrear-se, embora possam dar passos no caminho positivo. O entendimento da tese espírita muito lhes será útil, para que possam melhor analisar seus próprios corações, tomados por angústias e inquietações dolorosas.

Finalmente, as famílias afetivamente compensatórias, se caracterizam não por uma tediosa e inoperante ligação de desejos e gostos, mas por um sentido de unidade produtiva, manifestada em atitudes e conceitos positivos no campo do auto-relacionamento e na participação comunitária. Não é necessariamente um grupo nivelado por um comportamento superior. Mas a agregação de espíritos que se ligam por laços de simpatia e determinação, embora possam, no processo vivencial, se atritarem e ocuparem posições conflitantes. Contudo, esses atritos ou conflitos situam-se geralmente no campo operacional e não de conceitos, e são absorvidos.

II

Tal é o panorama possível da unidade familiar: pode, na média, reunir indivíduos relativamente ajustados uns aos outros ou comportar um ou mais elementos que se encontram em desequilíbrio potencial ou efetivo.

Não se pode dizer, a rigor, que cada um reflete as lutas do passado, porque isso dá a impressão de que esses acontecimentos se fixaram no tempo. Mas deveríamos dizer que cada um reflete a dinâmica da própria realidade. Por isso, no grupo familiar, a heterogeneidade do comportamento e das reações geralmente tende a um certo equilíbrio, precário é verdade, mas suficiente para manter um limite suportável de convivência.

Esses fatores nos colocam diante de alternativas interessantes. Primeiro, poder-se-ia perguntar com validade se, partindo do princípio da existência de Deus e de um mecanismo de Justiça Perfeita, como aceitar que o indivíduo, um espírito, possa ser submetido a influências negativas, a processos de distorções? Ou então, indefeso, não dispondo de recursos que o habilitem a subtrair-se das implicações do ambiente desequilibrado, até que ponto ele será responsável pelos atos e fracassos que isso acarreta? E, finalmente, se a reencarnação tem, sobretudo, um caráter educativo, de progresso, que chances terá o espírito reencarnante, se é compelido a submeter-se, sem possibilidades de eximir-se, a pressões destrutivas, a condições sociais deprimentes, a situações que lhe frustram, desde cedo, as possibilidades de equilíbrio interior?

Essas questões, além de válidas, são verdadeira esfinge exigindo decifração e ameaçando tragar as criaturas no vórtice das contradições. Caso contrário, a tese materialista seria vencedora ao proclamar que estamos sujeitos aos azares das circunstâncias. Segundo esta tese, se tivermos sorte de possuir um corpo saudável, uma família mais ou menos equilibrada, bom para nós. Mas podemos ter o azar de descendermos de uma ramo doentio, mal alimentado, moralmente desequilibrado e, então, seremos candidatos quase certos à marginalidade.

Para o religioso, as premissas materialistas são execráveis, pois seu modelo moral exige a Justiça. Para o materialista, essa concepção justifica o desprezo aos princípios éticos e à disciplina emotiva.

III

O indivíduo recebe influência da família antes mesmo do nascimento. Se, para a teoria materialista-espiritualista-convencional, essa influência se manifesta sub-repticiamente, em deformações do cosmo cerebral, através dos condutos de ligação materno-fetal, para a doutrina espírita, ela decorre de ligações mais profundas, relativamente às afinidades morais, espírito a espírito, no processo evolutivo.

Sob o ponto de vista do plano físico, o nascimento de uma criança pode decorrer de um ato deliberado, desejado, planejado ou simplesmente tolerado.

Sob o ponto de vista espiritual, o nascimento de uma criança representa o retorno à experiência terrena, de um espírito vivenciado, que se introduz no campo mental e físico da organização materna, atraído por princípios de afinidade, objetivando, sobretudo, angariar méritos para progredir, reajustando o coração e a mente.

De um modo geral, a reencarnação necessita de mútuo consentimento ou de mútua aceitação. O reencarnante aceita a volta, num planejamento específico, relacionado com o grupo familiar que o receberá. O pai e a mãe, por sua vez, atendendo a programações anteriores ou apelos posteriores à encarnação, aceitam receber o espírito no ambiente familiar, com vistas ao processamento de reajustes no seu universo moral.

Essas situações são típicas e genéricas, comportando uma infinidade de variações, porque cada caso repercute de forma diferente para os grupos envolvidos. Tomando, porém, esse equacionamento como básico, verificamos que, em tese, o agrupamento doméstico se forma a partir de princípios de afinidade.

Contudo é preciso convir que afinidade não significa simpatia.

Afinidade é atração.

No campo do relacionamento moral, a afinidade psíquica representa atração, devido a compromissos emocionais, que decorrem tanto das simpatias, como de antipatias. Digamos que o relacionamento emotivo cria campos de atração magnética, devido à formação de elementos de

identificação moral, negativos ou positivos.

Quando a atração é positiva, a união é simpática, agradável, gostosa. Quando negativa, os elementos se atritam, são desconfortáveis, antipáticos. Apesar disso, existe uma polarização que mantém a necessidade de permanecerem juntos.

Tentando explicar esse paradoxo, comum na vida familiar, em que há coexistência de atração e repulsão, digamos que quando a afinidade é simpática, a atração se faz globalmente e quando antipática se processa periféricamente, como se um campo de força estivesse saturado de esferas magnetizadas, a se atraírem mutuamente. No caso positivo, toda a esfera seria formada de elementos simpáticos. No negativo, apenas a periferia conteria elementos de atração, enquanto o núcleo permaneceria repulsivo ao convívio.

Tomando essa figura, poderíamos dizer que a finalidade do convívio familiar, seria tentar transformar o núcleo resistente num centro simpático, complementando a união das pessoas envolvidas.

IV

Uma análise criteriosa da posição espiritual das criaturas humanas, entrosada com o problema reencarnatório e com a lei das afinidades, levará à conclusão que ninguém está sendo fundamentalmente violentado. Essa conclusão não exclui os prejuízos que possam advir de influências negativas, nem descarta o atraso que pode decorrer de situações criadas em torno do espírito reencarnado, induzindo-o ao erro e a desvios lamentáveis.

O que se pretende dizer é que embora as pressões domésticas exerçam inequívoca e concreta influência sobre o indivíduo, estimulando ou agravando seus problemas, não os determinam. Colocando as coisas no seu devido lugar, pode-se dizer que o indivíduo é intrinsecamente livre. Contudo cria responsabilidades, promove situações, liga-se emotivamente a outros indivíduos, que repercutem, pela lei de causa e efeito, na sua própria estrutura mental. Quando deprimentes, causam lesões no seu cosmo psíquico e desenvolvem conflitos que atingem a outras pessoas. Então, a Justiça oferece oportunidade de reajustamento próprio e resarcimento dos prejuízos causados a outros. É o mecanismo da ação e reação, lubrificado pela Misericórdia Divina.

Por isso o processo é realmente sábio.

A reencarnação é uma técnica de condicionamento capaz de, por determinado período, inibir a manifestação global da personalidade, mantendo-a em suspensão. Acarreta, sem aniquilar a individualidade ou eliminar a experiência adquirida, o esquecimento do passado, abrindo oportunidade ao espírito para integrar-se na nova personalidade que o renascimento lhe oferece. Trata-se de um mecanismo tendente a criar um estado de prontidão educativa, expondo o cosmo intelecto-afetivo do espírito a um período de redução da atividade mental, submetendo-o às limitações do veículo físico em formação e com isso propiciando a assimilação espontânea das influências.

Temos, pois, uma associação de fatos, com extraordinária significação. De um lado, o espírito reencarnante, mantendo intacta, ainda que transitoriamente embrionária, sua individualidade e experiência adquirida, tem nova oportunidade de reajustamento. De outro, os pais, embora recebendo um personagem experimentado, não se sentem inibidos a exercitarem sua tarefa, porque o processo lhe oferece um ser desarmado, pronto para receber suas influências, seja porque permanece com sua atividade mental reduzida, ou porque se exterioriza através de um veículo frágil, carente de proteção e cuidados extremos.

Convém insistir, porém, que a correta aplicação do princípio da reencarnação não se confunde com um rígido determinismo existencial, pelo qual tudo estaria predeterminado. Isso seria confundir fatalismo com Justiça, o que contraria a tese espírita de que a vida é um processo.

Atribuir os sucessos da existência a mecanismos determinísticos é equacionar de modo simplista e incorreto a problemática existencial. Podemos buscar na vivência das experiências passadas, explicações para as nossas necessidades, aspirações, tendências e conflitos, mas nunca justificá-las.

Sintetizando, podemos afirmar que a vida terrena não é uma alienação ou uma peça de teatro com marcações artificiais e personagens imaginários. Desdobra-se dentro de contornos concretos, cada um exteriorizando o estágio evolutivo que alcançou. A experiência passada não determina o comportamento, mas define o indivíduo.

E cada um que regressa à experiência física, pela reencarnação, não é um ator desempenhando um papel. É ele mesmo, uma individualidade definida, com personalidade em formação.

5 Paternidade e maternidade conscientes

"A infância tem ainda outra utilidade: os espíritos não ingressam na vida corpórea senão para se melhorarem; a debilidade dos primeiros anos os torna flexíveis; acessíveis aos conselhos da experiência daqueles que devem fazê-los progredir. É então que se pode reformar seu caráter e reprimir suas más tendências. Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder

(O Livro dos Espíritos, questão 385).

As implicações das mudanças por que passa o mundo e por consequência a família, trazem sobrecarga ao trabalho educativo dos pais. A responsabilidade de transmitir emoções e princípios saudáveis para os filhos é o ponto nevrálgico de sua tarefa. Isso não é uma afirmação episódica, extemporânea ou ridícula para nossos dias. Ao contrário. Verifica-se nas pesquisas científicas da sociologia, psicologia, psiquiatria e educação, que as impressões marcadas na infância, constituem acervo, positivo ou negativo, que cada um carrega durante toda sua existência.

O lar cria um estilo de vivência que determina de modo geral, a maneira como o indivíduo passará a ver a vida. Os pais elaboram um modelo de comportamento, condicionando os filhos a se ajustarem aos seus princípios. Esse modelo que a família procura desenvolver na educação dos filhos, não é necessariamente consciente. Reflete o complexo de opiniões, anseios, frustrações que os cônjuges absorveram nesta existência. São retalhos de observações, reflexos de situações vividas no ambiente familiar de onde cada um saiu, e exteriorizações das experiências acumuladas nas vidas anteriores, que tomam forma no que se pode chamar de concepção existencial de cada um. Entretanto, o modelo, apesar das marcas particulares, estará, em suas linhas gerais, de acordo com padrões da sociedade em que se vive.

Refletimos opiniões, modismos, preconceitos, concepções que nossos pais nos transferiram. Tanto quanto verificamos a transferência de nossos pensamentos e atitudes no comportamento de nossos filhos. Muitos perguntam se essa influência palpável, não significaria um aspecto eminentemente negativo para a família. E argumentam. A família é formada por indivíduos potencialmente desequilibrados, reprimidos, irrealizados. Transferem essa irrealização para os filhos. Estes, crescem carregando a herança biológica que receberam. Por sua vez serão inseguros e insatisfeitos. Provavelmente continuarão a transferir essa insatisfação para os filhos. Forma-se assim uma cadeia interminável.

Analisado nessa perspectiva materialista, chegar-se-ia à conclusão que o núcleo doméstico é a matriz de todos os males e onde o indivíduo é, inevitavelmente e não raro, prejudicado no seu destino. Já analisamos esse aspecto, mostrando que, inobstante as condições ambientais do lar, ainda assim, o espírito continua livre em essência. Mas também afirmamos que essa circunstância, tomada no campo da essencialidade da vida, não descartava a importância do processo educativo no lar, em virtude da situação genérica dos espíritos da humanidade terrena, ainda em formação psicológica.

Incumbe a cada um quebrar esse círculo vicioso pela absorção de ideais e pela renovação de sentimentos, de modo que se criem novos caminhos de elevação espiritual, mostrando direções ampliadas para a plenitude da realização do espírito. Essa é, aliás, a motivação da própria existência, no plano evolutivo, que se constitui na acumulação das experiências, para que as potencialidades do espírito se tornem concretas na ação consciente de seus objetivos e metas.

Evidentemente, essa renovação só será plena dentro de uma visão espiritualizada, em que se encontre campo para a expansão da inteligência e do sentimento, sem limites de tempo e de espaço, na permanência da vida, em qualquer dimensão do universo. A concepção finita da vida, dimensionada entre o berço e o túmulo, contrapõe-se à tendência imortalista inerente a cada indivíduo.

É dentro dessa realidade espiritual, não alienante, mas vivencial, real, que devemos e podemos equacionar os problemas do inter-relacionamento doméstico, um universo emotivo, condicionante, forjador, retemperador, dramático, onde cada um se encontra temporariamente ligado a um grupo que se inter-relaciona, reage, pressiona, num aprendizado edificante, mesmo que doloroso.

Pode-se afirmar, baseado na experiência, que todos anseiam o melhor e que são potencialmente bons. Que dentro de cada um existe um sentimento de bondade, muitas vezes ou quase sempre irrealizado por barreiras levantadas pela visão deficitária do objeto da vida, pelo temor de liberar as forças criativas, pela temeridade em doar-se, em dar-se plenamente. Mostrar que nenhum esforço é inútil, que o amor triunfará e explicar as causas mais profundas do ser, é recurso educativo capaz e suficiente para motivar o espírito a superar obstáculos, derrubar barreiras e encontrar-se para dar plenitude à carga de amor que carrega consigo. Esse o instrumental analítico que o espiritismo oferece e é no recesso do lar que poderá se tornar real, através da criação de um clima idealístico, harmonizado nos objetivos, trabalhado na aceitação recíproca e na soma de esforços conscientes.

II

Um dos assuntos mais discutidos neste fim de século é o planejamento familiar, que tanto pode significar uma atitude amadurecida, não-egoísta, como camuflar a indisposição generalizada para se assumir compromissos.

O problema é agitado sob vários ângulos. Afirmam muitos que o crescimento incontrolado da população humana trará problemas insolúveis, que vão desde os aglomerados urbanos, à produção de alimentos e serviços, condições de sobrevivência e até uma hipotética destruição do globo terreno pelo excesso de peso...

Correlaciona-se desenvolvimento econômico e social com níveis de população e levantam-se taxas de seu crescimento como fatores de auto-desestímulo ao bem-estar coletivo. Associações de pessoas e órgãos governamentais, através da propaganda ou pela ação direta, procuram esterilizar homens e mulheres, ao lado do desenvolvimento de medicamentos anticoncepcionais, usados largamente para assegurar o prazer sexual sem a contrapartida da gravidez.

A pílula anticoncepcional, apesar das denúncias sobre efeitos colaterais, são distribuídas por agências, receitadas por médicos, procuradas avidamente por mulheres casadas e solteiras, alterando de forma fundamental, as antigas estruturas do relacionamento sexual e que delimitavam, claramente, o tipo de concepção familiar que se adotava. Certamente a urbanização da sociedade produz uma série de alterações estruturais, não somente na concepção, como na locação da família, impondo novos contornos à sua instalação e expansão.

Muitos fatores, de ordem cultural, econômica e sanitária introduziram variáveis importantes no equacionamento do universo doméstico, porque o lar tanto pode ser a tapera erguida sobre o mangue, como a mansão luxuosa, a casa ou o apartamento da classe média ou proletária. Esses fatores representam as condições em que se processa o desenvolvimento do núcleo familiar.

Pode-se dizer que é o espaço doméstico que determina o comportamento, ou conjecturar que numa habitação ótima se desenvolva uma educação péssima, embora seja difícil afirmar o inverso, porque as condições habitacionais estão correlacionadas com o nível social e econômico e como tal, determinando o acesso às oportunidades de instrução e fatores básicos.

Além disso, na atualidade, foi quebrada, em grande quantidade de famílias, a antiga rotina doméstica, em que a mulher permanecia como guardiã do reduto familiar, à disposição da prole e do marido. Hoje, um número crescente de mulheres desempenha funções profissionais fora do lar. Obedecem horários, dispõem de pouco tempo para atender aos filhos. Esse fator veio, necessariamente, alterar um tipo consagrado de família, introduzindo novas dimensões no equacionamento da atividade do lar, impondo sensíveis reduções no contato dos filhos, cônjuges e pais.

Conclui-se que tanto espacialmente, quanto em questão de tempo de permanência, o relacionamento doméstico mudou, pelo menos para uma grande parcela, que tende a aumentar continuamente, conforme as novas gerações alcancem a criação de famílias.

A família atual tende a concentrar-se em torno de pequenos contingentes, ao contrário da antiga, que parecia encontrar sua força na multiplicação dos nascimentos. Uma prole numerosa, era um “tesouro”. Hoje, os casais que planejam com generosidade chegam aos três ou, no máximo, quatro filhos.

Estariam errados? Embora isso seja uma questão de foro íntimo, podemos raciocinar e constatar que se a população da Terra vem crescendo em proporção geométrica, é possível pensar que a humanidade espiritual de nosso planeta seja limitada e que atingido um número de saturação, da divisão matemática entre os casais terrenos, surgirá uma família menos numerosa. Que, em termos teóricos, é uma necessidade de ajustamento às peculiaridades da vida tecnológica e urbana que se instalou na Terra.

Uma concepção menos concentrada de família, um relacionamento mais aberto entre todos, criará, no tempo, uma grande família, sem os imperativos sanguíneos e estritos que a lei de causa e efeito atualmente impõe. Então, uma família de cinco ou seis membros, contando pais e filhos, talvez seja a que se ajuste mais adequadamente às realidades sociais, às necessidades de seus membros e à integração na comunidade.

Deduz-se dessas considerações que o controle da natalidade é válido, na programação da vida do casal e da família. Trata-se de um ato de vontade, como outro qualquer, com suas repercussões específicas conscientemente assumidas.

Um filho deve ser concebido, física e psicologicamente, como um ato deliberado, desejado, amado, para que a maternidade e a paternidade alcancem plena satisfação e realização.

O planejamento familiar, na visão espírita, não significa restringir. Não tem um sentido negativo, que leve a posições egoísticas, a uma alienação dos compromissos espirituais assumidos. Mas uma correta compreensão de todos os fatores que correspondem ao elenco de responsabilidades perante si mesmo e para com os outros.

Se partirmos do ponto básico da ciclagem reen- carnatória, certamente nossa compreensão do porque das coisas, dos entrelaçamentos afetivos, das aproximações aparentemente casuais, das atrações inexplicáveis e até compulsórias que criam situações irremediáveis, tenderá para estabelecer critérios menos imediatistas no planejamento de nossa vida.

Não se trata, é bom que se repita, de acreditar que as coisas têm que seguir um rumo predeterminado, no qual ninguém se livrará, em puro fatalismo. Mas usar de todos os elementos disponíveis para assumir, conscientemente, uma posição que atenda às conveniências e necessidades morais do casal. Porque uma ideologia racional como o espiritismo, não poderia admitir um envolvimento cego, a título de obedecer às leis da natureza, cuja compreensão estará, sempre, de acordo com o estágio de evolução alcançado. Assim, o comportamento não decorrerá de uma falsa idéia de aceitação da vontade de Deus, mas de uma análise consciente de todos os fatores.

Por isso, sob nosso entendimento, o planejamento familiar é um exercício válido, mas de inegável repercussão no campo moral, porque implica numa tomada de posição que, se baseada no egoísmo, movimentará reações imprevisíveis. Somos de parecer que uma atitude nesse setor deve decorrer de uma análise profunda, isenta de preocupações marginais, centrada na necessidade de atender, simultaneamente, às alegrias e necessidades de criar, inerentes a todos, e aos compromissos morais assumidos antes da reencarnação.

Como não há definição concreta a esse respeito, só resta ao casal consultar a consciência mais profunda, pela oração e pelo comportamento, para sentir até que ponto seu planejamento atende aos seus verdadeiros interesses.

A forma e o meio desse controle é uma questão de ordem particular, que envolve até problemas médicos, que devem ser devidamente considerados.

O que não se pode aceitar é o aborto voluntário.

O aborto provocado é uma aberração, inconcebível numa vida fundamentada no espiritismo. Nela, o ato de procriar não se dilui na irresponsabilidade, nem se conforma com a inconsciência. Não se restringe a provocar o processo de criação de um organismo de um animal pensante, nem de um corpo para tirar uma alma do nada.

É uma ação bipolarizada, envolvendo os genitores, protagonistas do ato reprodutor e um espírito pré-existente, uma individualidade concreta. Como se fora e de fato é, um contrato com obrigações recíprocas. Abortar é romper o contrato. É submeter-se às cláusulas penais.

III

Todas as modificações assinaladas no encaminhamento dos problemas familiares, embora possam apoiar-se em bases de redimensionamento social, partem, primordialmente, de alterações mais profundas na ideologia das pessoas. Podemos constatar um certo cansaço moral, uma sensação de inutilidade para os esforços e problemas que envolvem a manutenção da família. Essa é a consequência palpável da ausência de horizontes espirituais e a absorção dos apelos ao egoísmo e imediatismo humanos oriundos da visão materialista da vida.

A paternidade realça o valor do homem para si mesmo, tanto quanto a maternidade eleva a mulher no seu próprio conceito. São estados de consciência que gratificam o espírito, preparando-o para movimentar energias e possibilidades.

Por isso, se o reencarnante penetra no círculo familiar, pelo nascimento, como criatura indefesa, embora experimentada, constatamos também que a família o recebe na qualidade de agente de realização. Pais e mães, de modo genérico, transferem para os filhos suas esperanças e o ato criativo, longamente elaborado na gestação, introduz liames emotivos que desdobram reações interiores ponderáveis.

Esse ponto de conjugação emotiva, marca os participantes desse extraordinário momento. Envolvidos afetivamente, eles se dispõem, com maior intensidade, a uma aproximação mais profunda. Atenuam-se reminiscências e diluem-se, quase sempre, antagonismos, facilitando o ajustamento entre todos.

Se é também verdade que muitos, conforme a vida física se desenvolve, rebelam-se e promovem conflitos de intensidade relativa, não fossem os mecanismos da reencarnação para o espírito que volta e as emoções da maternidade e da paternidade para os que o recebem, impossíveis seriam, para a maioria esmagadora, os trabalhos de reequilíbrio, expiação e prova a que se submete para alcançar a própria felicidade.

IV

Os pais tanto quanto os filhos, são espíritos em processo de aprendizagem. Não se pode esperar que as condições pessoais de cada um dos genitores evoluam para um patamar de superioridade, pelo simples fato de gerarem filhos. Na qualidade de espíritos enfrentando a problemática existencial, estão sujeitos a enganos e aos imperativos de sua realidade interior.

Entretanto, a tarefa paterna e materna, implica numa atitude de amadurecimento, expressa na aplicação consciente da vontade e na utilização dos instrumentos pessoais de inteligência e sentimento, na direção dos filhos. É uma missão e como tal, sugere a concentração de esforços para alcançar suas metas.

Não se pode esperar perfeição, mas supõe-se o exercício da doação, como condição suficiente e necessária para estabelecer bases adequadas no relacionamento familiar. Essas bases representam um segmento de poderosa cadeia de influência, desembocando no processo educativo, de que o lar se faz portador insuperável.

É preciso lembrar que o filho é um ser. E como tal, esse processo educativo deve ser exercitado de maneira a estimulá-lo, ajudá-lo a ter uma visão tanto quanto possível realística e positiva, a fim de que, crescendo na equipagem física, possa absorver os impactos de sua realidade interior, tanto quanto da realidade exterior sem deteriorar-se mentalmente.

Esse cuidado não significa, porém, que o filho deva ser protegido, sufocado. A educação equilibrada harmonizará o entusiasmo e a liberdade, a dedicação adequada e a equidistância respeitosa, de modo que o espírito reencarnante possa encontrar seu caminho. Aliás essa complexa tarefa, numa compreensão consciente da paternidade e da maternidade, reveste-se de características empolgantes, exigindo o empenho de todas as fibras do espírito.

Convém ressaltar alguns aspectos do relacionamento entre pais e filhos, de modo a se considerar vários fatores que, quando devidamente colocados, ajudam a tornar a interligação emotiva entre os participantes da equipe familiar eficiente e produtiva. É evidente que a parcela mais importante depende dos pais, porque estes são os que estabelecem os padrões, determinam o caminho. Eles são os hospedeiros. Os filhos, os hóspedes.

Assim, é razoável dizer que muitos dos desacertos existentes decorrem de atitudes superáveis. Raros são os pais que ouvem os filhos. Poucos respeitam sua individualidade. Quantos poderão dizer que se deram, em emoções e tempo, ao convívio familiar? Quantos souberam amar sem aprisionar?

Ouvir é um ato de respeito. Não é uma ação mecânica de captar sons pelos canais auditivos. É estar realmente interessado na mensagem que o interlocutor deseja transmitir. É dar liberdade para que este exponha o que deseja. É ter humildade de aceitar que ele tem direito de discordar e o que está dizendo, ainda que não possa ser aceito, tem valor, e exprime estados de alma que guardam profundo sentido para si. Diante desse

quadro, quantos realmente ouvimos? Quantos ouviram seus filhos?

Debate-se atualmente a necessidade dos pais respeitarem a individualidade dos filhos. Durante muitos séculos, o indivíduo foi desconsiderado em sua dignidade, personalidade e vontade, dentro dos limites do lar. Nesse longo período, ele deveria seguir vocação e desejo dos pais, mais especificamente, o chefe da família. Ao homem impunha-se uma profissão, estabelecia-se o destino familiar e ensinava-se um comportamento típico, raramente dando-se em conta o que pensava e para que se inclinava. À mulher simplesmente desprezavam-se os sentimentos: dava-se-lhe em casamento, esculpia-se-lhe um caráter superficial.

O indivíduo era apenas um componente da engrenagem familiar e deveria comportar-se dentro dos padrões pré-estabelecidos para sua classe social. Agora, repudia-se esse comportamento predatório, e pede-se que os filhos sejam tratados como pessoas, como individualidades, portadores de estruturas e emoções próprias.

A teoria reencarnacionista não apenas sanciona esta justa aquisição da evolução humana, como lhe dá sustentáculo básico. Afinal, o filho é um espírito vivenciado, com opiniões e idéias próprias e precisa ser respeitado, embora isso não justifique a passividade ou omissão dos pais no processo evolutivo. De acordo com a técnica reencarnatória, que promove um estado de prontidão educativa para o espírito reencarnante, deixar de influenciar positivamente é abrir oportunidade a inclinações menos nobres.

Respeitar a individualidade, não significa abandonar o filho à sua própria sorte, nem quer dizer que ele não pode e não deve ser contrariado, orientado, educado e até impedido de proceder incorretamente. Ao contrário. Respeitar a individualidade é saber que ele traz a marca de seu caráter, construído no tempo, provavelmente até com bastante incorreção. Por isso, para ajudá-lo, é preciso aceitar o que é, mas tentar, pelo exemplo, pela palavra, pelo clima, pelo ideal, fornecer-lhe estímulos que o levem a incorporar valores novos, questionar antigas posições e renovar a si mesmo. Para isso, o tempero da energia e do amor, do companheirismo e da autoridade, são instrumentos indispensáveis.

Finalmente, emoções e tempo, são questões de quantificação, difíceis, se olharmos para seu aspecto mais essencial. Porque pode-se estar presente e ausente. Pode-se envolver de carícias, de atenções, de preocupações e ainda assim, não dar toda a emoção que é possível e preciso dar.

Muitas vezes, a mãe permanece horas inteiras com o filho e transmite apenas inquietação, queixumes e nervosismo. Outras, compelidas a separações prolongadas, sabem, nos momentos de convívio, envolvê-los de emoções profundas e equilibradas, fornecendo-lhe alimento espiritual e garantindo-lhe relativa tranquilidade. Da mesma forma, o pai que procura ser amigo do filho, em folgedos, excursões, mas que não lhe assegura o equilíbrio emotivo e a afirmação íntima, pela transferência de emoções nobres, ideais definidos e comportamentos que justifiquem a crença no certo, no bom e no justo, por mais que se demore junto dele, será uma presença apenas superficial e agradável.

Verificamos que o problema educacional no lar não pode ser esquematizado em termos simplistas ou puramente didáticos. Ele comporta todo um universo de emoções, que exprimem os desejos verdadeiros do grupo familiar. Inseguro, devido a estar em processo de recriação da personalidade, o espírito aspira a encontrar no seio da família, a orientação que lhe dê um horizonte, a firmeza ou liderança que lhe aponte um caminho para enfrentar as incertezas e choques de sua vida social e íntima.

Se o espírito ao reencarnar se sente amado, protegido, bem recebido, registra nos escaninhos de sua percepção espiritual sensações indefinidas de satisfação. Se, ao contrário, receber vibrações de insatisfação ou ódio, vê-se aflito e angustiado, acentuando problemas de desequilíbrios que se manifestarão depois, em atitudes de revolta ou busca desesperada de carinho e afirmação pessoal.

Essa realidade nos mostra que o caminho do diálogo e da ajuda recíproca já não é uma virtude imposta pelo dever, mas atitude de equilíbrio, diante de fatos concretos. O filho é, pois, uma espécie de visitante, sob condições especiais. É um indivíduo com caráter próprio, que não saiu dos pais. É igual na essencialidade, embora ligado de maneira indelével a eles, pelos condutos físico-afetivos. Depende deles, mas não é deles.

Essa ausência de propriedade e a mudança do sentido possessivo de meu filho, para uma concepção universal de parceiro, no desdobramento existencial, quebrará a rigidez das concepções e conduzirá a uma posição mais fraternal dos pais em relação aos filhos.

As ciências do comportamento estão divididas em escolas de orientação divergente e até conflitantes. Buscam a liberdade do indivíduo, apregoam os direitos dos filhos. Entretanto, a cada momento, constata-se que enfocaram o assunto sem a maturidade indispensável ou que prescreveram receitas muito gerais para casos demasiadamente particulares.

É inegável que o modelo familiar atual, de bases materialistas ou religiosas-convencionais, está em desintegração e não sobreviverá diante das exigências do crescimento moral e intelectual da humanidade. Por isso, somos chamados a reconstruir as bases da unidade familiar, dentro de uma ótica mais ampla, fundamentada numa concepção existencial abrangente. O modelo existencial espírita, veio justamente revolucionar o relacionamento familiar, mudando-lhe a estrutura, sem retirar-lhe a importância e a espontaneidade.

Entretanto, os pais, conscientes e decididos, continuarão a perguntar: como educar os filhos?

A resposta é complexa e já delineamos os fatores que determinam as aglutinações familiares, no campo do relacionamento emotivo. Sabemos que, em muitos casos, a família pode ser a reunião de espíritos de maturidade diversificada, pelo aproveitamento diferenciado das experiências. É um grupo heterogêneo, que marca encontro para tentar resolver, em conjunto, seus problemas e equacionar, da melhor maneira, o próprio destino. Por isso a generalidade desses grupos respira graus de angústia e até de conflitos abertos. Há desmando de palavras, atitudes e comportamentos.

*

E, a agravar substancialmente o problema, neste caso, as palavras têm valor secundário. É certo que influenciam e contribuem poderosamente. Mas, sobretudo, o exemplo marca definitivamente. O clima psíquico, por assim dizer, criado em casa, absorve imagens, sentimentos, aspirações, mesmo que se mantenha silêncio ou discrição. Quando há desentendimento entre o casal, por exemplo, mesmo que seja dissimulado habilmente, permanece uma sensação de inquietude e tristeza, de insegurança e amargura que é absorvida pelos membros da família através dos condutos mentais.

Todos esses fatores levam à conclusão de que a tarefa educativa que incumbe aos pais, deve partir de uma tomada de posição consciente, refletindo as opções assumidas para a construção do destino. É o que verificamos, aliás, em muitos agrupamentos familiares, onde a dedicação, a renúncia, a compreensão fraternal, estimulam esforços para superar incompatibilidades, antipatias, ciúmes, despeito, ódio, santificando a vida com impulsos de simpatia e respeito, semeando as raízes do amor.

6 Instrumentos de reavaliação do convívio familiar

"Mas não se deve esquecer que a indulgência para com os defeitos alheios é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar as imperfeições dos outros vede se não podem fazer o mesmo a vosso respeito".

(O Livro dos Espíritos, questão 903).

É preciso insistir que a análise dos fatores reencarnacionistas e a exata compreensão dos fundamentos do relacionamento interpessoal dos membros da família, não são dados para incentivar uma acomodação mental, mas para desencadear uma reação consciente, na superação dos problemas examinados.

Caso contrário, teríamos caído em lameptável desvio de compreensão, porque a existência se desdobra, na cota de tempo que dispomos como uma oportunidade de reajustamento, para que alcancemos, o mais cedo possível, um patamar de realização interior, capaz de nos dar paz e tranquilidade.

Não é mera poesia ou sonho utópico, aspirar à felicidade. O que precisamos é reavaliar o conceito de felicidade. Essa tem sido tomada como um estado de satisfação pela estimulação externa, pela sensação de sentir-se amado, importante, necessário, uma atitude de reflexão dos sentimentos de outras pessoas.

Os modelos de felicidade excluem, quase sempre, a necessidade de amar, participar, doar, de saltar os obstáculos da possessão, da prisão emotiva.

Muitos casais querem alcançar a felicidade, isolando-se num relacionamento a dois, fechadíssimo, sem se importar com o que ocorre em torno. Não poucos abandonam as alegrias da maternidade e da paternidade a pretexto de se bastarem mutuamente. Ou então, permanecem em ligações passionais de ciúme, medo ou exacerbação afetiva.

Pensam que são felizes, quando se aprisionam em gaiolas de paixões consumindo tempo e energias sem produzir situações que possam criar um clima de produtividade e aproveitamento positivo da existência.

É evidente que o nosso modelo de felicidade não pode se opor ao fluir de sensações agradáveis ou traduzir-se em situações de angústia ou aflição contínua. É natural aspirar a satisfação plena no convívio com a pessoa amada e no espaço familiar. É da lei natural que o amor encontre sua expansão infinita no relacionamento profundo entre as pessoas que se amam, porque é na troca de emoções de unidade afetiva que o espírito alcança o gozo verdadeiro.

Por outro lado, é realmente difícil suportar o desmoronamento de sonhos de felicidade, seja pela incompreensão conjugal, pelo nascimento de filhos deficientes ou que, embora dispondo de equipagem físico-mental saudável, se mostram rebeldes, ingratos, de relacionamento desajustado perante os padrões que a família tenha eleito.

Já colocamos com clareza a causa mais profunda desses desajustes tanto no aspecto das experiências passionais, que ligam os membros da família, quanto à real condição espiritual de cada um, o que, em última análise, sintetiza toda a problemática humana.

O que queremos enfatizar é a necessidade de planejar o comportamento, estabelecer a estratégia de vida, de maneira consciente e agora sobre as novas bases da compreensão que o espiritismo dá.

Já compreendemos que nos unimos por afinidades nem sempre simpáticas, mas que podemos transformar essas uniões o mais compensatórias possível, se nos decidirmos à isso. Ensaíamos, para tanto, examinar algumas atitudes para conseguirmos nossas metas. Tais são as de aceitação, compreensão e realização.

Examinemo-las como contribuição a quantos tenham alcançado uma posição existencial capaz de fazê-los assumir o comando da vida.

II

Aceitação

Quando se fala em virtude, tem-se, quase sempre, uma impressão estereotipada de algo transcendente, doloroso, sobre-humano. Pintores e artesãos, refletiram nas faces das imagens virtuosas, expressões doloridas, contemplativas e inermes.

Tal indução levou à conclusão de que a virtude é uma espécie de monstro sagrado, um estado improvável para a maioria. E o desconhecimento do processo evolutivo, pela reencarnação, concebeu que alguns já tinham tendência para o bem, para a virtude. Outros não.

Ninguém tem uma tendência para o bem ou para o mal. Cada um cria seu bem e seu mal. E essa criatividade não surge milagrosamente, de fora para dentro. É o resultado de treinamento, repetições, quedas e esforços.

Simbolizamos que a atração entre as pessoas seria como um espaço saturado de esferas magnetizadas. Algumas, formadas de elementos globalmente simpáticos, se ajustam. Outras, atraindo-se pela camada periférica, enquanto o núcleo se indispõe à união, continuam guardando reminiscências e permanecem cristalizadas em imagens negativas.

Verificamos, também, que o choque reencarnatório predispõe à aproximação das partes conflitantes, dando oportunidade para a transformação daquele núcleo refratário em centro de atração simpática.

Tudo isso indica que precisamos exercitar a virtude da aceitação que precipita o rompimento do círculo egoísta da auto-comiseração, da auto-justificativa e a reabertura dos canais de comunicação afetiva.

A aceitação é uma atitude consciente. Não coloca um véu de mentiras brilhantes sobre erros e falhas. Mas aceita a pessoa como ela é, sabendo que cada um está se esforçando, dentro do grau de libertação interior que já atingiu, para superar a si mesmo.

Evidentemente ninguém aceita o outro, sem aceitar a si mesmo. Essa dupla aceitação representa o desenvolvimento de estados ativos, dinâmicos e promove mudanças radicais no comportamento, por diluir resistências e choques, que tornados cí- 82 clicos pela mútua agressão, impedem a união das pessoas.

A explicação teórica é simples. Se alguém nos fere e agasalhamos a vibração deprimente que é jogada, procuramos transferi-la agredindo uma outra pessoa e, esta, agredida, agride a uma outra, e assim sucessivamente. Se ao contrário, alguém nos agride e absorvemos a vibração descontrolada que nos é jogada, a atitude infeliz termina aí.

Da mesma forma, se alguém nos faz um benefício e, estimulados por essa vibração fraternal, favorecemos uma outra pessoa e esta, também o faz a outrem, e assim sucessivamente, o bem se espalha soberano.

No agrupamento familiar que nos congrega as emoções, somos chamados ao exercício da aceitação consciente, para que tenhamos bases e condições a fim de realizarmos um trabalho produtivo de construção de nosso destino e do destino do grupo espiritual que constitui a grande família em que encontramos ligações multiseculares.

III

Compreensão

O exercício da virtude da compreensão, continua os esforços iniciados na aceitação.

Partindo da aceitação de nós mesmos e dos outros, é preciso compreender as motivações mais profundas do modo de ser de cada um. Os mecanismos da vontade estão desenvolvidos desigualmente entre os participantes do lar. Uns conseguem definir com razoável disposição sua meta, ou um

83

rumo. Outros sentem-se perdidos, apavorados, inseguros. O mundo mental cria imagens, sugere situações e desenvolve um entendimento muito pessoal acerca das coisas.

Toda essa engrenagem de comportamento exprime-se nas atitudes de cada um. Compreendê-las não significa concordar com elas, necessariamente. Mas nos leva a separar a pessoa de seus atos. Essa divisão é indispensável para que possamos nos ajustar reciprocamente ou dilatar o esforço de espera e paciência.

Não é uma atitude fácil, nem gratuita. Deve ser planejada, pensada, testada, revisada, continuamente. Se as pessoas que querem praticar o mal, quase sempre desenvolvem interessante capacidade de planejamento e astúcia, porque o exercício e o treinamento das virtudes não pode

decorrer de uma atitude consciente? Não podemos, diga-se logo, ligar essa sugestão aos estados infelizes de hipocrisia e falsidade. Trata-se apenas de disciplinar conscientemente nossos recursos. Foi assim que os espíritos superiores transformaram sua imperfeição em perfeição.

IV

Realização

Aceitar é limpar o terreno.

Compreender é semear.

Realizar é produzir frutos.

Nos dois primeiros casos, embora atitudes altamente positivas e conscientes, podemos ficar no plano mental, no esforço verbal, no treinamento interior.

Na atitude de realização, atiramo-nos ao trabalho de reconstrução de nós mesmos em ligação profunda com os parceiros da vida familiar.

Aceitamo-los e nos aceitamos.

Compreendemo-los e nos compreendemos.

Mas não nos conformamos em permanecer em estado de potencialidade. Queremos usufruir dela.

Pela aceitação verificamos que tanto nossos parceiros, como nós mesmos, somos formados da estrutura viva do amor, que está escondido nas barreiras do egoísmo e prejudicado pela visão distorcida da vida.

Pela compreensão, chegamos a identificar em nós e nos outros, a ânsia de encontrar meios e modos de canalizar nosso amor, mesmo nas atitudes menos felizes.

Na realização decidimo-nos à construção desse ideal, cortando, com lágrimas, sofrimento, renúncia e persistência, os laços do egoísmo e libertando o amor que existe em nós.

Na aceitação abrimos os braços, aproximando.

Na compreensão envolvemos o coração em vibrações amigas.

Na realização iniciamos a marcha, movendo os recursos da vontade para alcançarmos os objetivos eleitos.

V

Quando nos desentendemos com alguém, cria-se um mal-estar. Então as relações que eram fáceis, boas, amigas, se esfriam. Passados dias, concluímos que foi um desentendimento superficial, desnecessário, injustificado. Contudo, permanece

85

uma barreira, um obstáculo. Olhamo-nos de longe. Desejamos uma aproximação, mas como fazê-lo?

Não raro, o relacionamento toma-se distante e frio por longo tempo, porque cada um espera o primeiro passo do outro. Ninguém quer se humilhar, “dar o braço a torcer”. Em outras ocasiões afirma-se que se “está cansado de ceder”. Todavia, como é alegre o momento em que, por nós mesmos ou pelo outro, decidimo-nos a deixar de lado essas tolices e dizemos- “dá cá um abraço, desculpe-me, eu te amo”. E rompemos o círculo dos desencontros!

Aplicada no relacionamento familiar, essa atitude representa uma forma necessária e suficiente para vencer muitos obstáculos, criando oportunidades para a renovação do sentimento. Não chegaremos a vencer os obstáculos sem enfrentá-los. Nem superar os desafios sem atendê-los.

O amor não nasce feito. É sentimento a desenvolver pelo exercício da vida. Centenas de milhares de lares se desfazem porque seus participantes esquecem esse princípio mezinho. Sonham com um amor entregue a domicílio, embrulhado em papel multicolorido de fantasias e sem exigir o menor esforço.

Se existe um princípio de simpatia e esse princípio, em tese, pode ser desenvolvido com qualquer outro espírito, pode-se transformá-lo numa ligação mais profunda. Se há atração, mesmo antipática, pode-se transformá-la em simpatia. A força do ódio é a mesma do amor, porque o espírito não é um ser compartimentalizado, com reservas de ódio e amor, humildade e orgulho, egoísmo e bondade. Ele é um ser pleno, uno, integrado.

Possuindo o potencial afetivo, direciona-o conforme suas concepções. Se o convívio de outrora criou mal-estar no relacionamento, devido a atitudes infelizes, podemos concluir que antes que esse desencontro existisse houve um momento de simpatia, de afeição, confiança. Agora é preciso restabelecer esse liame, restaurar essa aproximação positiva.

Para isto viemos a este mundo. Disso necessitamos para superar as imperfeições. Dessa atitude depende o desenvolvimento de nosso destino.

Diante dessa realidade, o lar, como ponto de encontro, é escola de aperfeiçoamento, que a concepção espírita transforma em suas bases para mostrá-la mais rica e atuante.

Sabemos que por mais estimulantes que sejam os apelos externos e mesmo por mais racionais as posições filosóficas que assumimos, por maior que seja a nossa fé religiosa, só existe uma transformação positiva em nós mesmos quando conseguimos aderir às novas idéias. Essa adesão compreende uma reavaliação global dos objetivos, sentimentos e modo de agir.

Feita essa avaliação e estabelecido o objetivo, inicia-se um período doloroso, angustiante, no qual tentamos realizar concretamente as metas escolhidas. Isso depende de uma perfeita sincronização entre a reflexão interior, que determina modos e meios, que critica e estabelece prioridade, e a forma como nos relacionamos com os outros.

Porque qualquer avanço real no campo evolutivo é sempre testado pelos outros. Por mais que me sinta bom, superior, alcançando novos níveis de compreensão, nada terá sentido e poderá ser mesmo uma fantasia de auto-sugestão, se tudo isso não repercutir concretamente na reação dos que me sofrem o convívio.

É verdade que existe uma deficiência muito grande na comunicação da nossa realidade mais profunda. E que somos suscetíveis de interpretar erroneamente o que o outro nos quer comunicar. Isso pode ser amenizado pelo exercício da sinceridade e da honestidade pessoal e a constante autocrítica, uns e outros, equilibrados pelo bom senso.

Por paradoxal que pareça, o fato de nossos propósitos estarem em constante teste pelos outros, não significa que devamos nos subordinar a esse julgamento. O julgamento dos outros é um dos dados de análise e não uma determinante do comportamento. Este tem que decorrer de um sentido interior de libertação, só conseguido, evidentemente, pela renovação constante do próprio indivíduo, que é sinal de amadurecimento, fruto da seleção de objetivos pelo uso consciente da vontade.

Costuma-se dizer que existem três dimensões de nossa personalidade: o que realmente somos, o que pensamos que somos e que os outros pensam que somos. Mas devemos acrescentar que há também uma outra face: o que desejamos ser. Que é a mola propulsora de nosso progresso.

A distância entre o que somos e o que desejamos ser, constitui, quando equacionária positiva e ~~fina~~ ~~em~~ ~~tempo~~ o que chamamos de angústia da Um que g estsr© estimulante e interior de quem estabeleceu um Objetivo, tem ferramentas para exe- aná-lft, HW ~~«nrria~~ não maturou o suficiente para alrançá-kt

VI

Quando o indivíduo adere a uma nova ordem de idéias, como as que o espiritismo apresenta, torna-se religioso. Podemos dizer que se reencontra e se redescobre. Quando essa faceta abre a consciência para o ser, ele compreende que daí para frente assume uma nova posição diante da vida. Não dizemos "responsabilidade" porque essa palavra poderia sugerir aqui uma certa dose de encargo pesado em demasia ou uma dolorosa, penosa e quase in-compensadora jornada. Preferimos a idéia de que essa abertura espiritual sugere um novo padrão de vida e uma procura deliberada de ajustamento interior.

No lar o relacionamento procura novos níveis.

Ele = espírito. Ela = espírito. Filhos = espíritos. Somos irmãos pela natureza íntima. Somos parceiros pelo compromissamento emocional. Estamos irremediavelmente ligados uns aos outros.

Começam os esforços por enquadrar as concepções antigas, arquivadas no subconsciente profundo, que definem cada um; os condicionamentos sociais em voga, refletindo o estágio médio ou o pensamento das camadas dirigentes, com as novas disposições mentais e ideológicas.

Verdadeira reconstrução da vida, pede tempo, esforço e perseverança.

A religião, entendida em sua substância mais lídima, reconstrói a esperança, por recolocar a presença de Deus no centro do universo, dando sentido de Justiça à vida. Por mostrar, nas suas bases científicas, que o espírito não é uma fantasia esfu- maçada, mas um ser permanente, vencedor da morte, na imortalidade dinâmica Por ensinar, nas suas conclusões filosóficas, o porquê das coisas.

Erguido em tais bases, o lar será diferente.

Na dor, encontrará respostas e reajustamento e seguirá certo de que o tempo será o desaguadouro de toda a amargura, porque permite o desabrochar do amor.

Será angustiado pela ânsia do melhor, mas não será aflito, porque sabe da bondade divina.

Absorverá os desajustes, pela aceitação e pela compreensão.

Vivenciará os ideais, clareando a vida, pela sublimação dos obstáculos e dos desafios no relacionamento entre os parceiros do ambiente doméstico.

No amor expandirá o potencial de felicidade íntima, na conjugação do esforço de todos no exercício do servir, não somente no círculo familiar, mas na participação ativa na comunidade em que está.

Na morte compreenderá a grande transformação que descerra uma porta ampla de acesso à realidade mais íntima do espírito, sem que exista o fim, o nada, o esquecimento, mas uma mudança necessária e temporária.

Tais são as atitudes a serem construídas, uma a uma, como as peças de um modelo para montar, que devem ser suportadas umas pelas outras até alcançar a composição final.

Esse lar não dispensará o diálogo em níveis maiores. Não desprezará a comunhão superior da prece, nem será indiferente aos princípios do respeito recíproco, da liberdade consciente e da energia amorosa.

Será paraíso não pela ausência de dor, de sofrimento, de angústia, de conflitos, de problemas. Mas pelo esforço abençoado em aceitá-los, compreendê-los e, a partir deles, realizar a construção de novo dia para todos.

7 sexo no lar

"São os mesmos espíritos que animam os homens e as mulheres".

"O Espírito se reflete no corpo".

(O Livro dos Espíritos, questões 201 e 217).

Um dos principais, senão principal, fatores que determinam a vida emocional do espírito é sua posição relativamente ao problema sexual. A importância do sexo não pode ser desprezada porque ele está na base do comportamento dos indivíduos. O equilíbrio, nesse setor, é sinônimo de amadurecimento moral, meta desejável, mas ainda raramente conseguida.'

Entretanto, de nada auxilia nos escandalizarmos com os desvios sexuais da maioria das pessoas. Ajuda, se tentarmos compreendê-los. Porque a força sexual equaciona as aspirações dos espíritos, que nela encontram a canalização de suas emoções.

Na atualidade, encontramos-nos vivendo um período de desmistificação do sexo. Mas é interessante observar que se antes, como tabu, o sexo era contido, agora, em nome de sua liberação, é exibido como objeto curioso. Esperamos que, depois dessa transição, alcancemos um nível capaz de colocá-lo no seu devido lugar, sem traumas e desvios.

O sexo surge como elemento potencial na estrutura do lar. Desde o relacionamento do casal até a forma como ele sugere os filhos, analisando-os e estimulando-os de maneira positiva ou negativa, o sexo está como um problema emergente, que precisa ser encarado. Em vão tentam os pais ignorá-lo. Ele surge e desafia. A fuga a esse desafio motiva, sempre, problemas cruéis, na maioria evitáveis pelo diálogo.

Analisemos alguns aspectos dessa problemática.

II

Ao atingir a puberdade, no processo reencarnatório, o espírito assume o governo de seus passos na vida terrena. Olha para fora de sua armadura física e começa a perceber o mundo.

A epífase, comandando o mundo emotivo, reabre as portas da sexualidade e ele recorda e retoma as experiências afetivas. Um frêmito percorre todas as fibras do ser. Um grito se avoluma no interior do espírito, à procura do amor.

Saltam as forças vivas da sexualidade. A mocinha se enfeita e se torna mulher. Seu organismo responde às exigências da mente, a pedir formas e meios para expandir-se no campo afetivo. Entram em funcionamento mecanismos atávicos, heranças encrustradas na consciência mais profunda. Desde os olhos que tanto falam, aos maneios do corpo, aos seios, a mulher comanda o espetáculo das excitações sexuais, próprias do período juvenil. Há frescor de primavera.

O menino imberbe e desajeitado, começa a emplumar-se. Deve desempenhar seu papel de homem. Crescem-lhe os órgãos genitais. Uma nova realidade assume seu lugar na vida ingênua da infância. Sente-se compelido a procurar o sexo oposto. A conquista é a sua afirmação. Começa a preocupar-se com o corpo, a modelar-lhe as formas e precipitar-se na atividade física, para consumir as energias.

A sensibilidade feminina é mais abrangente. O sexo pede à mulher a consecução de um produto mais estável que o simples ato físico. A menina sente atração irresistível para a maternidade, para a construção de um lar. Os movimentos de libertação feminina, desencadeados nas últimas décadas, a par de contribuírem de maneira definitiva para estimular a plena participação da mulher na sociedade, libertando-a de discriminações e do atraso intelectual, fazendo com que ela traga sua sensibilidade para a solução dos grandes problemas humanos, tem se conduzido com pouco esclarecimento no que diz respeito ao sexo.

De um modo geral os apelos à libertação sexual da mulher pretendem minimizar ou marginalizar suas funções específicas no campo da maternidade, num procedimento injustificável em que se procura nivelar o comportamento sexual feminino ao masculino. A libertação pretendida tem levado a lamentáveis enganos. De um lado, à exploração do corpo feminino em consumo erótico, seja em cartazes de propaganda, em peças teatrais e filmes. De outro, a uma posição mental estereotipada na revolta e na frustração, que contradiz os impulsos naturais da natureza feminina.

Esquecem-se as líderes feministas, talvez por portarem problemas interiores ou pela visão existencial deformada no materialismo, que o fato da mulher ser afetiva e sexualmente mais sensível não lhe diminui a força e o potencial; ao contrário. O aperfeiçoamento do relacionamento entre o homem e a mulher pede, sem dúvida, que aquele se eleve acima de contingências pueris e que esta se compenetre de sua natureza sensível, para que haja conjugação e associação emotiva e não posições antagonicamente manejadas, a título de conquista ou subordinação.

Não estamos defendendo uma atitude inautêntica para o comportamento sexual feminino, como até agora tem sido feito. Julgamos, porém, que existe a mesma inautenticidade quando se advoga a alienação, a não-participação, tanto quanto se descaracteriza a sensibilidade feminina, levando-a a procedimentos desequilibrados.

Revistas, artigos, contos, filmes, telenovelas, mostram mulheres livres, entregando-se ao prazer sexual, sem ligação afetiva mais profunda, vivendo em função das circunstâncias e do instinto. Essa falsa concepção de liberdade, perturba o desenvolvimento gradual da personalidade, submetida às modificações psicológicas em plena juventude, que por não saber discernir, cai frequentemente em ciladas emotivas. Porque doura-se a pílula e não se relata o fracasso e a angústia que a maioria suporta.

Se muitas conseguem reerguer-se de si mesmas, retomando com maior maturidade dessas aventuras, a maioria precipita-se em círculo vicioso. Prostituem-se, relacionam-se com homens destituídos de espiritualidade, à cata de emoções primárias. Distanciando-se da maternidade equilibrada, que lhes restituiria o senso, passam pela vida sem objetivos nobres, submetendo-se, muitas vezes, a relacionamentos que lhes deprimem o espírito. Isso tanto para as bens situadas financeiramente, quanto às mais pobres. Aquelas, não precisam de dinheiro para prostituírem-se. Compram o prazer e a companhia, ou permanecem adistritas à ociosidade. Umhas e outras, contudo, são vítimas, não raro, da toxicomania ou atolam-se na delinquência.

Os rapazes iniciam-se na vida sexual, quase sempre inseguros e mal orientados. Muitos são levados a prostitutas ou a encontros irresponsáveis. Criam fantasias que verbalizam em conversação vazia. Consomem a pornografia, masturbam-se. Precisam demonstrar que são machos, para si e para os outros. Quantos não se violentam, entregando-se a libações que contrariam os sentimentos mais íntimos? A insatisfação e a insegurança tornam muitos deles cínicos. Incapazes de uma união satisfatória e permanente, percorrem bordéis, boates e inferninhos, penetram círculos viciosos, à cata de mulheres que profissionalizaram o sexo, que vendem seus corpos sem emoção. A intranquilidade se abate indiscriminada, sobre ricos e pobres, embora se manifeste diferentemente. O pobre contenta-se em aventuras mais ou menos passionais, ao acasalamento eventual. O rico entorpece-se com as luzes da ribalta de seu círculo ocioso, muitos se estiolando como solteirões ou divorciados, cheios de casos e aventuras, mas irrealizados e corroídos pelo tédio.

Constrange-nos citar esse quadro deprimente, mas sem dúvida real, a que se atiram homens e mulheres, de todas as idades, principalmente porque não desenvolveram um sentimento apropriado em relação aos instrumentos do sexo. Felizmente a maioria das pessoas não está catalogada nesse panorama perturbador, que cada vez mais lança suas influências sobre legiões de espíritos imaturos e desalentados, que procuram refúgio para a sensação de vazio que sentem, no comércio desequilibrado do sexo.

III

Quando o sexo desabrocha, o espírito recorda inconscientemente seus estágios anteriores e na condição de homem ou mulher, enfeita-se, segrega energias sutis, envolvendo o parceiro. Quando a atração é mútua, tendem instintivamente para o colóquio sexual. No nível hominal, o sexo é gratificante e importante. Está relacionado com a carga emotiva, ideais, aspirações do espírito.

Se o sexo pede concretização pela reprodução das formas físicas, a cristalizar-se no filho, excede a essa função específica, para transmudar-se em prazer. Nada há de vergonha no prazer sexual. É uma canalização estimulante, renovadora. Contudo, enquanto o prazer sexual for um fim em si mesmo, o homem e a mulher caminharão como linhas paralelas. Estarão muito próximos do clímax sexual, entrarão numa zona de ligação emotiva que os atrairá mutuamente. Mas somente o amor quebra o paralelismo da vida individual. Só o amor estabelece a comunicação real. O sexo subordina. O amor liberta.

O sexo não é o amor. Mas pode transformar-se em seu instrumento. Daí a angústia e a insatisfação dos que perambulam nas províncias das

sensações periféricas, nas ligações eventuais e mutáveis, trocando de parceiros ou fixados na irresponsabilidade afetiva. Falta-lhes esse elo de unidade profunda, definitiva, com o outro.

Todos os casais que tiveram um momento de amor, sentiram a diferença do momento sexual realizado ao sabor das emoções circunstanciais, ou abrasadoras da paixão. Esta exaure e pode deixar um hiato de insatisfação. O ato sexual decorrente do amor abrange o espírito, aquece o coração, traz tranquilidade, sonho, alegria e esperança.

O sexo, não pode fixar-se apenas no ato físico e muito menos nos órgãos genitais. Ele transcende a esses condicionamentos para espaiar-se, abrangente, pelo cosmo mental, pelos canais da sensibilidade, gerando obras imperecíveis. Compreendemos que para atingir o estado de globalidade emotiva, amplamente gratificante a que nos referimos, muitas condições são necessárias, a começar pela legitimidade psicológica do ato. O espírito rejeita as uniões espúrias, ilegítimas, mesmo quando realizadas com criaturas muito afins. Porque a consciência dos valores estabelece um nível de dignidade. O ato libidinoso, o relacionamento de bordel, a união adúltera ou homossexual, são insatisfatórias em sua essência, ainda que dentro de lances abrasantes. Podem trazer euforia transitória. Mas contêm um vício de origem que perturba e inibe a plena realização do espírito.

IV

Como ajudar o jovem e os adultos na compreensão das forças sexuais? O problema não é fácil. Não existem receitas definitivas, estabelecendo um roteiro a seguir. Centenas de médicos, psicólogos, sexólogos, debruçam-se sobre o problema, tentando auxiliar os portadores de arritmias no domínio sexual.

Entretanto para a grande maioria, o sexo pode ser tranquilamente exercitado, sem traumas profundos. Para esses, uma orientação segura, através do diálogo franco, da conversação amigável, trará confortadoras soluções para problemas que, não devidamente esclarecidos podem tomar vulto desnecessário e assustador. O ideal será criar-se um clima de espontaneidade e alegria em torno do sexo. Isso dependerá muito do que o casal sentir e sublimar. Se a união sexual entre eles for insatisfatória e desprimorosa; se, por qualquer motivo, um dos cônjuges se sentir massacrado, aviltado, então, insensível ou evidentemente, transmitirá uma falsa idealização do sexo. E os filhos misturarão, imperceptivelmente, as emoções mais naturais da sexualidade com atitudes de infelicidade, amargura e tristeza.

Quando o lar consegue tomar o sexo no seu sentido mais santificado, o que não é sinônimo de repressão disfarçada por princípios religiosos ou falso puritanismo, pode desenvolver mentalidade aberta projetando na mente dos filhos uma idealização positiva da questão, ainda que não possa evitar que, na experimentação pessoal, encontrem problemas, mas que poderão resolver mais facilmente.

Sobre esse ângulo do problema, convém acrescentar algumas noções básicas, à luz do espiritismo.

1. Desmistificação do sexo

Derrubar os tabus em torno da sexualidade, tem sido a tônica deste final de século. Examinemos a questão, para que possamos discernir sobre o melhor caminho.

Por desmistificação do sexo entendemos o esforço para compreender a força sexual, a fim de usá-la com dignidade em proveito próprio. Porque introduziram em nome dessa desmistificação certos comportamentos que, em última instância, des- fibram o espírito. Se os tabus sexuais infelicitaram e infelicitam, pela ignorância, tantas pessoas, reprimidas e incompreendidas, como poderemos concordar que a derrubada deles sancione as investidas de licenciosidade e irresponsabilidade, criando novas prisões mentais para o espírito?

Uma exata compreensão do sexo eleva o espírito, libera-o de traumas e medos. É uma função natural e como tal não deve, em si mesma, causar prejuízos. Contudo, é impossível separá-la de inevitável correlação moral. Moral e não de pecado. Moral significa comportamento e comportamento envolve outras pessoas.

A revelação da natureza espiritual do ser dá nova dimensão à função sexual, que passa a ter uma definição psicológica. Existe uma função sexual nos mecanismos mentais, exprimindo sensibilidade, de qualquer grau. Existe sexo morfológico, compreendendo uma rede de interações nervosas, mentais, emotivas, caracterizada pelo comportamento feminino e masculino. Contudo, estão num mesmo nível de dignidade, embora diferenciados pelas funções. Cremos que isso coloca o relacionamento sexual numa posição superior, eliminando uma série de posições que se tomam injustificáveis.

2. Relacionamento pré-nupcial

Desde a puberdade que as forças sexuais eclodem. Todavia, dentro dos padrões ainda vigentes, a sociedade tem sacramentado como licita a união sexual apenas no casamento monogâmico. Isso não obsta que o homem tenha, desde sempre, exercitado o sexo antes do casamento, através de ligações eventuais, aceitas como naturais. A mulher, contudo, esse relacionamento tem sido impedido, intolerado. Perder a virgindade, na maioria das sociedades, é erro às vezes sem remissão. O homem que se relaciona antes do casamento é uma criatura normal. A mulher que o faz submete-se a discriminatório julgamento.

Entretanto, com o uso das pílulas anticoncepcionais, as coisas mudaram muito. Hoje são inú- ' meras as jovens que se entregam ao relacionamento pré-nupcial sem o "pesadelo" da gravidez. E em muitos países as leis estão sancionando o aborto, liberando da maternidade as que engravidaram nesse relacionamento.

Algumas questões podem ser colocadas. Um jovem, feminino ou masculino, desabrocha sua vida sexual aos 14 anos. Entretanto, só se casará aos 25. Ou não se consorcia. Será lícito exigir-lhe a abstinência sexual? Um jovem par namora desde os 16 anos. Sucedem-se os anos. Estudam. As perspectivas de uma união matrimonial são para quando atingirem 24 anos. Oito anos de carinhos, de convivência, de namoro e noivado. Ardem de desejo. Na sociedade atual, o rapaz poderia procurar uma mulher profissional. Mas não quer. Ambos preferem manter fidelidade. Seria menos penoso que se entregassem à união sexual, pré-matrimonial?

Equacionar esse problema exige, primeiramente, uma definição de vida, uma reestrutura do comportamento diante do próximo e de si mesmo. É possível que o jovem o alcance? Que em um rapaz, uma mocinha de 14 anos, possam atingir esse desenvolvimento conceitual?

Cremos que sim. Dependendo, certamente, do ambiente doméstico, da forma como o problema for encarado e mostrado. Se disserem que talvez nem todos possam aceitá-lo, concordaremos. Porque as pessoas variam e isso não é novidade. Contudo, é preciso que tal entendimento seja desdobrado pela assimilação consciente do indivíduo.

Fala-se muito em repressão, em inibição da personalidade. Mas a realidade espiritual nos permite analisar mais cautelosamente as reações humanas, cotejando-as, deslocando-as do momento vivencial, para espaiá-las com maior amplitude, identificando causas e razões menos circunstanciais.

O fato reencarnatório, exprimindo a imortalidade e a experiência, introduz substancial modificação no equacionamento dos problemas. O jovem é um espírito vivenciado, embora justaposto e entrosado intrinsecamente com sua realidade atual. Se a explosão das forças sexuais perturba suas emoções, não quer dizer que não disponha de recursos interior para balancear os impulsos e estabelecer um roteiro. Ao contrário. Precisa ser estimulado, compreendido e ajudado, para assimilar a libertação da sua energia sexual, que não pertence ao organismo em que se manifesta, mas ao acervo de sua experiência emotiva.

A juventude libera as forças sexuais, mas não as determina. O espírito as possui como patrimônio seu. A canalização dessa energia é trabalho de educação.

Se alguém perguntar se o que desejamos é impor um comportamento ascético, reprimindo as forças vitais do sexo, responderemos com um sonoro não. Mas o que é não-reprimir? O que é deixar fluir, sem inibição as forças sexuais?

Se com isso se quer voltar ao estado de natureza, entendido como o império dos instintos, deseja-se unicamente a libertinagem, a permissividade e a loucura. Primeiro, porque o estado de natureza se aplica aos animais e os homens já ultrapassaram esse limite evolutivo. Segundo, porque no estado de natureza os animais se portam com dignidade adequada ao seu nível procurando na reprodução e tão-somente nela o relacionamento sexual.

O homem é um ser em evolução e evolução quer dizer a sucessão de estados cada vez mais maduros na compreensão de si mesmo e da vida. Ora, se a sociedade, os homens e mulheres deste mundo, caminharam da poligamia para a monogamia, significa que a plena satisfação do espírito só se consegue com um relacionamento emotivo disciplinado, autêntico. Não se trata de uma redução do universo emotivo, aparentemente mais amplo na poligamia ou na multiplicidade do relacionamento. Mas do aproveitamento produtivo da energia criativa,

Diante disso por que não advogar uma disciplina emotiva para a juventude? Por que se há de dizer que o único caminho é um relacionamento indiscriminado, imaturo e prejudicial?

Certamente haverá os que se relacionam pré-nupcialmente sem maiores transtornos. Os que mantêm a castidade. Os que exigem a fidelidade dos outros e consomem suas energias no relacionamento vulgar. Há todas as posições.

O que procuramos argumentar é que é perfeitamente possível manter-se equilibrado, canalizar suas energias de modo inteligente e não penoso, para que a realização sexual se complete no casamento. Tanto para as jovens, como para os jovens.

Lembre-mos de que mesmo entre os jovens que se entregam às idéias materialistas, a união sexual pré-nupcial tem trazido muitos problemas, embora digam que não encontram motivos éticos capazes de justificar a disciplina emotiva. O que dizer entre os jovens espíritas e religiosos em geral, entre os que tentam encontrar um horizonte espiritual para a vida?

Quanto ao problema da virgindade feminina, acreditamos que isso deva ser considerado um problema da própria mulher e não um pecado social. Quer dizer, cabe à mulher zelar por si e decidir seu caminho, no campo emotivo e sexual. Sua virgindade não pode ser um troféu que precisa entregar no ato do casamento. Se acreditamos que a maioria se preserva para a união matrimonial, não encontramos razões para condenar as que — por quaisquer motivos — se relacionaram antes dos vínculos conjugais. E que, sobrepassando o afeto e o amor sobre outras quaisquer considerações, não vemos, em virtude disso, motivo para que não possam ter um ótimo relacionamento moral e sexual, numa união permanente.

Todavia é forçoso reconhecer que aqueles que analisam e sentem a vida de forma menos imediatista, isto é, numa projeção espiritual racionalmente estabelecida, hão-de, forçosamente, pensar em estruturar seu comportamento da mesma forma.

3. Compreensão das anomalias sexuais

Um dos problemas mais angustiantes é a solidão emotiva, que ocorre quando um espírito psicologicamente feminino reencarna num corpo masculino e vice-versa. Essa anomalia íntima produz uma verdadeira tragédia, porque as tendências interiores contrastam com os instrumentos sexuais disponíveis e desenvolvem traumas de difícil compreensão, quando desprovidos do conhecimento da lei das vidas sucessivas.

Muitos, dentro dessa prisão emotiva, não suportando a angústia, se estiolam em relacionamento homossexual, tentando, em vão, a realização afetiva.

Por mais que os homossexuais ativos se organizem e gritem por “liberdade”, por mais que se compreenda sua situação, não alcançarão a plenitude que procuram. Ao contrário, cada vez mais se sentirão violentados e solitários. Porque, muitas vezes, se entregam a relacionamentos inescrupulosos, sádicos e cínicos, em que indivíduos sexualmente frustrados, como eles mesmos, fazem o papel de parceiros sexualmente opostos, em caricatura de casamento e união emotiva desbalanceada.

Caracterizada como treinamento intensivo e doloroso, para a reavaliação das energias emotivas, no campo do relacionamento sexual, essa prisão afetiva, esse drama psicológico-físico, chama o espírito para compor-se em procedimentos que o dignifiquem e não para desgastarem-se em atitudes lamentáveis.

Em vão tentam psicólogos e homossexuais, taxar de natural essa situação e não adianta a fantasia permissiva inventar um terceiro sexo. Ele não existe. Em verdade, na suprema afirmação de si mesmo, o espírito não possui zero, conforme nós entendemos. Num ápice de plenitude somente alcançada em esferas superiores, inatingíveis pela nossa imaginação por falta de similitude, ele libertar-se-á dos condicionamentos, atingindo a unidade sexual. Por isso o terceiro sexo é uma aberração.

Aliás, esse é apenas um problema, talvez o mais evidente, no intrincado feixe de diferenciação do comportamento sexual. Nesse campo, o conceito de normalidade é extremamente variável e é preciso analisar e ajudar os jovens na definição de seu caminho, sem a pretensão de se estabelecer padrões rígidos ou figurinos que violentem o espírito.

Não têm sentido, em termos de compreensão espírita, certos estereótipos sexuais, em decadência até no plano das concepções materialistas, como o machismo masculino e a passividade feminina.

Sobretudo, homens e mulheres são espíritos, muitas vezes em transições sexuais morfológicas, guardando potencial emotivo diversificadamente desenvolvido.

Somente um clima aberto, não preconceituoso, pode animar a exposição e análise dos problemas, sem medos e sem condenações. Muitos jovens se arrojam aos comportamentos desequilibrados, criam fantasmas e idealizações infundadas, porque não tiveram oportunidade de receber em casa a palavra amiga, o ouvido atento.

8 Problemas do casamento

"O casamento, segundo as vistas de Deus, deve fundar-se na afeição dos seres que se unem".
(O Livro dos Espíritos, questão 701).

O cristianismo desenvolveu o casamento mono- gâmico, indissolúvel, formado por aspiração divina e consagrado pelo poder da Igreja. Dessa tríade, o realmente positivo foi o casamento monogâmico. A poliandria e a poligamia são projeções primárias, porque atendem a interesses físicos.

A monogamia deve ser considerada, sobretudo, uma conquista do espírito, que aprendeu a selecionar emoções e a comandar sua vida emotiva. A união permanente de dois seres, sexualmente opostos, é uma condição de afirmação e aprimoramento emotivo que garante e garantirá a plena realização das aspirações superiores do espírito.

Além disso, no campo econômico, a família monogâmica se firma como a possível de sobreviver, conforme a sociedade se urbanizou.

O toque divino que foi dado à união conjugal, atendendo ao relativismo do pensamento religioso vigente, fez da família um ente anti-natural, estruturado em deveres e direitos que, em muitas circunstâncias, violentaram os indivíduos. À indissolubilidade do casamento foi uma dessas consequências.

A Igreja concebeu o mundo como um lugar de exílio e deu à existência terrena o caráter de punição, dentro de uma estreita faixa de fatalidade existencial, na busca do céu. De acordo com esse conceito, foi correto estabelecer condições de indissolubilidade à união conjugal. Casava-se por imposição divina, porque Deus falava através dos reis, da Igreja e dos pais e todos viram nessa imutabilidade uma forma de expansão econômica e conservação do status social.

O casamento foi desvinculado das pessoas. Era e talvez seja, ainda hoje, para muitos, uma instituição a que se deve aderir por imposição social. Dentro de uma rígida concepção moral, transformaram-no, não raro, num processo que repetidamente aviltava homens e mulheres, compelidos a um relacionamento formal e polido, para uso externo, frio e afrontoso quando íntimo.

A tal ponto chegou essa falsidade que milhares de casais viveram toda uma existência — como ainda muitos hoje o fazem — em pura encenação, sem jamais conhecerem a satisfação integral no relacionamento emotivo e sem construírem uma ligação moral capaz de dar sentido à própria vida. Casaram, tiveram filhos, mantiveram a fidelidade possível, envelheceram e morreram sem desenvolver liames que compensassem toda a convivência.

E isso é tão mais cruel quando sabemos da necessidade de todos os indivíduos encontrarem relacionamento compensatório, não apenas no plano físico, mas especialmente no emocional em que as maiores alegrias e satisfações decorrem de uma ligação de ideais e objetivos maiores.

Esse relacionamento empobrecido, carregado de desilusões e conflitos, decorreu, em parte pelo menos, da fixação dos objetivos existenciais finalistas, no campo moral. A mulher era preparada, desde cedo para ser esposa, isto é, além das prendas domésticas, que as de alta classe tinham por desfastio e as outras por necessidade, deveria compreender os princípios de subalternidade, de obediência e de insensibilidade sexual perante seus maridos. Estes, desde crianças, eram treinados para se comportarem como homens, isto é, desenvolverem um tipo de procedimento em que a potência sexual, a insensibilidade (homem não chora), a decisão, o comando, eram exigidos. Tal esquema dava liberdade sexual ao homem e impunha servidão e fidelidade à mulher.

Essa sociedade sexualmente hipócrita, pois o sexo de Eva foi considerado a perdição de Adão, desdobrava-se em condições vexatórias para muitas mulheres e homens, levados ao casamento para cumprir acordos políticos, econômicos, pagar dívidas dos pais, ficando à margem, como meros joguetes de uma farsa montada para manter uma estrutura e para atender a interesses que, muitas vezes, não lhes diziam respeito.

II

A pílula anticoncepcional trouxe uma nova dimensão para o problema do relacionamento sexual.

Embora os sintomas psicológicos, neurológicos e clínicos, desencadeados pelo seu uso, a maioria das mulheres, da classe média para cima, aderiu-lhe ao uso como uma fórmula de assegurar o prazer sexual, sem a contrapartida da gravidez.

Porque nesse ponto se caracteriza de maneira iniludível a especificidade da função feminina. Enquanto o homem se limita ao prazer, a mulher pode desencadear um processo procriativo. Tal é a questão fundamental nesse relacionamento: a decisão de continuar o processo, abortar ou não, fica, em última análise, com a mulher, que não pode liberar-se dessa função que lhe tipifica o ser.

A maternidade é uma condição definida no cosmo mental e físico, refletindo experiências milenárias. Frustrar-se a ela é uma atitude antinatural para a mulher. Seu sistema físico reage com extraordinário vigor aos apelos da fecundação, enquanto o clima psicológico entra em ritmo agitado de expectativa e a emoção determina modificações substanciais no comportamento. Por todos esses motivos, o aborto, como violentação do equilíbrio psíquico-somático, provoca inquietantes problemas na economia do espírito, a espalhar-se, em vidas sucessivas, nos aflitivos problemas da esterilidade e perturbações congênitas do aparelho genital feminino.

Mais fundamentais são as consequências espirituais. De um modo geral, a cada fecundação corresponde, automaticamente, um processo reencarnatório. Daí o envolvimento de outras inteligências, emotivamente afinadas com a mãe e o pai. Aliá-las, conscientemente, do mecanismo de renascimento pode provocar conflitos de gravidade variável, mas que, quase sempre, tocam o passional, gerando problemas que aprisionam o espírito a situações degradantes, sob a pressão do ódio, da vingança e do escárnio, presentes nas obsessões.

Antes do uso indiscriminado da pílula, muitas mulheres se inibiam ao relacionamento sexual temendo uma gravidez, enquanto solteiras. Então, o casamento era uma e talvez única porta, dentro dos postulados morais da sociedade, para a consecução da união física.

Agora a mulher pode relacionar-se sexualmente, com grande probabilidade de não engravidar. Será que isso acarretará um esvaziamento na expectativa do casamento?

O problema do casamento não se localiza exclusivamente nesse aspecto, embora o relacionamento sexual satisfatório seja elemento basilar na união conjugal. Entretanto, o que é um relacionamento satisfatório? A primeira vista poderia julgar-se que isso dependeria exclusivamente da capacidade de alcançar a plenitude, no ato sexual. Contudo, verificamos e já o dissemos, que enquanto o prazer sexual for um fim em si mesmo, o casal viverá vidas mentais paralelas.

Um homem e uma mulher são duas entidades complexas e não simplesmente reduzidas ao sensorio, ao prazer físico. São inteligência e emoção. O prazer sexual é parte importante do elenco emotivo do ser humano, mas não basta e não realiza o indivíduo em si mesmo.

Por isso o casamento não pode ser reduzido a simples jogo de prazer. Ele é um ato deliberado, a procura de um objetivo, muitas vezes diluído¹ em conceitos confusos, em anseios não claramente definidos. É, não raro, uma atitude compulsiva, uma atração fortemente estimulada no interior de cada um.

No nível de evolução que atingiu a maioria dos espíritos estagiando na humanidade do nosso planeta, seria ilusão dizer-se que as uniões matrimoniais, mesmo consideradas dentro do planejamento pré-reencarnatório, reflitam posições de superioridade. Algumas reúnem almas afins, profundamente ligadas no campo afetivo, na construção de uniões imperecíveis, na busca do amor. Outras agrupam almas relativamente simpáticas no aprendizado da doação e sublimação. Finalmente um bom número representa a agregação compulsória de criaturas em conflito, atraídas por relações morais deprimentes, em experiências anteriores. Quaisquer que sejam esses tipos, numa escala crescente de dificuldades, trazem problemas de afirmação, chocam-se com intensidade diferenciada. As que caminham para o amor, não precisam acionar as forças do perdão, porque os mecanismos de doação em que se alimentam, superam divergências e retificam desvios.

Os demais são compelidos a constante trabalho de humildade e compreensão para que a convivência se tome suportável e estimulante, dependendo do esforço e da conscientização que alcançaram.

III

Somos levados a lembrar constantemente que esses fatores da realidade reencarnacionista, não podem ser tomados como uma determinante

insuperável no relacionamento familiar. Ao contrário. Como já frisamos, devem ser considerados como elementos positivos de análise e absorção de conflitos, na retificação do destino. Devemos ponderar que a maioria dos problemas de relacionamento não são devidos a projeções de fatos passados, como uma força incontável e externa, impondo comportamentos. Os choques, as desavenças e conflitos decorrem invariavelmente do sentimento de cada um, na forma como se coloca em relação ao outro. Os fatos do passado, são uma espécie de pano de fundo, reforçando situações, mas, repetimos, não determinam o comportamento.

Fora da visão espírita, contrapõem-se, hoje em dia, muitos argumentos contra o casamento. Se é fato não desmentido que a maioria absoluta procura na união permanente uma forma de relacionamento que satisfaça suas necessidades emotivas e intelectuais, há quem pretenda desmerecer essa aspiração, através do apelo ao erotismo desenfreado.

Supõe-se que o relacionamento sexual descompassado do casamento seja salutar e se tornará comum com a destruição dos vínculos conjugais e, portanto, da família. Levantam-se todos os pontos negativos da união conjugal. Atribui-se o sucesso nessa empresa, à sorte, pois é comum ouvir-se que o “casamento é uma loteria”. A tônica materialista no comportamento rompe com a responsabilidade e apela para as emoções, como se o homem e a mulher, não ultrapassassem o horizonte da animalidade e a vida fosse uma inutilidade.

Certos analistas dos problemas humanos, que pretendem soluções simplistas para as angústias do indivíduo, desprezando sua realidade espiritual, já providenciaram o que julgam capaz de remediar os conflitos: o livre relacionamento sexual da mulher, garantido (em parte) pelo uso da pílula anticoncepcional e o aborto como norma legal.

Incentivam as ligações semi-permanentes de jovens que optam por uma convivência sem vínculos legais, multiplicando experiências e a limitação dos filhos a um mínimo para que não constituam um ônus para os pais.

Essa aparente racionalização do modo de viver, livrando as pessoas de condicionamentos impostos pela pressão religiosa e pela concepção cristã da vida, conduz a uma posição radical tão prejudicial quanto a que se pretende superar.

Não se pode afirmar, como já vimos, que o indivíduo seja fruto do meio e produto de condicionamentos, sem aspirações, sem experiências existenciais acumuladas. Homem e mulher são unidades espirituais autônomas, emotivamente definidas e exprimem estados próprios de necessidades de compensação vibratória. Essa necessidade determina a procura de companhia que satisfaça às aspirações íntimas e reflete a busca do amor. Condição básica do ser espiritual, indiferentemente ao aspecto biológico da expressão sexual, garante a continuidade do relacionamento interpessoal a nível de dignidade e respeito recíproco. O círculo de ligações morais estabelecidas no decorrer das experiências vivenciais, através do tempo, forma o que chamamos de família espiritual, uma agregação de espíritos ligados emotivamente e que constitui a base de continuidade do núcleo familiar humano, a despeito de todos os apelos à degeneração dos costumes.

Consideramos, contudo, que a tentativa de reprogramar a união conjugal, representa uma necessidade de ajustamento para que consigamos construir novas metas e novas idealizações para o casamento. O convívio é um desafio, um aprendizado, uma disciplina, desagradável se não aceita, e sublimada, produtiva, quando admitida em níveis de compreensão superior. A monotonia, o tédio, a rotina de que o casamento é acusado, decorrem exclusivamente da desmotivação interior dos cônjuges, que perdem a existência no cultivo de mitos sociais e humanos, como a projeção social, a posse de bens materiais, as questões egoísticas e raramente se descobrem um para o outro.

• Diz-se que os casamentos diminuem. Mas isso não espelha a realidade. A união permanente, a procura de uma satisfação emocional é aspiração natural, espontânea do espírito. A sua não-realização, frustra, esvazia, entedia a existência.

O que observamos é um número talvez expressivo que se rebela contra o casamento legal e outro, menos numeroso, que se insurge contra qualquer ligação permanente.

Esses grupos, porém, refletem estados de comportamento anormais, embora nem sempre errados. Como os que pretendem uma união natural, sem vínculos jurídicos, para que se sintam libertos, embora adotando a convivência prolongada, às vezes por toda a existência, com parceiros de outro sexo. São casados sem papel passado. Enfrentam a problemática sem a “segurança” e a “responsabilidade” que parecem advir da assinatura de um termo legal. Até que ponto essa reação é válida, não é possível medir. As leis sociais são mutáveis. A necessidade de situar-se à margem dos padrões sociais, pode representar uma atitude positiva. Mas também desnecessária. É uma questão de bom-senso.

Há também outras anomalias. Como certos grupos inquietos e matizados por problemas de afirmação que procuram sucedâneos e tentam experimentos capazes de satisfazer seus conflitos. É o que acontece, por exemplo, com os que pretendem realizar “casamento coletivo”, baseado na comunhão sexual indiscriminada de vários homens e mulheres, que intercambiam-se em experiências sem guardar ligações interpessoais permanentes.

Catalogamos essas experiências como espúrias e insatisfatórias pois não permitem o desenvolvimento de uma unidade psicológica e um relacionamento gratificante, inibindo o desabrochar global da personalidade, descaracterizando-a e retirando-lhe os fatores de identificação básica.

Essas ponderações são também válidas para os por fatores de inversão sexual, insuficientemente que pretendem “casamentos” de pessoas do mesmo sexo, que se vêem atualmente, constituindo lamentável expressão de desequilíbrio interior, motivada absorvidos pelos protagonistas. Tais casais, permanecem em constante insatisfação porque, embora atraídos magneticamente, encontram-se frustrados pela impossibilidade da verdadeira comunhão sexual, que para ser completa não se fundamenta em excitações físicas, exclusivamente, mas num contexto bio-psíquico diferencial, que na atual posição evolutiva do grupo humano, só encontra contrapartida ideal na conjugação dos sexos opostos.

Finalmente temos os que se insurgem contra o casamento por permanecerem adstritos a uma concepção hedonista de prazer, apresentando desajustes interiores, que os incapacitam para um mínimo de estabilidade pessoal, capaz de elevá-los a um relacionamento maduro e adulto com outras pessoas. São mentes que não cresceram suficientemente.

IV

Das coisas que formavam a equipagem da fábula familiar pouca coisa resta, pelo menos na sua significação primitiva. Entretanto, outros valores foram e serão admitidos na concepção humana. E talvez sejam os valores que realmente importam. São os que vêm preencher necessidades fundamentais do indivíduo, satisfazendo, simultânea e equi-libradamente, seus anseios de união e preservação de sua dignidade.

Referimo-nos ao amor. Até algumas décadas atrás, a questão do amor na união conjugal e na constituição da família, não era importante. Diríamos que era eventual. Se se desse o caso de duas pessoas se casarem e também se amarem era ótimo. Mas não essencial. Havia um mecanismo social, uma continuação de tradições, um “modus” que condicionava as pessoas ao casamento, dentro de estruturas bastante impessoais.

Agora não se quer admitir tal coisa.

Embora a imaturidade no relacionamento efetivo continue como uma constante no mundo, talvez porque as emoções do sexo e da afetividade tenham lugar especialmente na juventude, pode-se dizer que agora pelo menos se tenta fundar a união conjugal dentro de critérios de amor. Mesmo as muitas dificuldades e algumas leviandades que são encontradas no prematuro esfacelamento da união conjugal mostram que a tentativa de buscar uniões baseadas no amor são mais abundantes que nunca.

Para isso contribuíram, sem dúvida, os ideais de libertação da mulher. A mulher, ascendendo ao nível de consciente participação e co-gestão familiar, exerce influência decisiva na reformulação dos conceitos em que se baseava a unidade conjugal. Temos então condições para esperar um nivelamento de relações e o desencadeamento de uma busca comum.

Para alguns isso parece não ser importante. Porque jamais analisaram como se processa o relacionamento entre cônjuges, no campo sexual, no nível das decisões e propósitos. E isso porque convencionou-se que no casamento devem acabar as “ilusões”, significando que o indivíduo

deve deixar de ser ele mesmo, de procurar a concretização de seus ideais, para “fazer a vontade” do outro, o que representa a completa alienação da individualidade e só pode gerar insatisfação e revolta.

Figuremos a união conjugal fundamentada nos conceitos ainda em vigor para a grande maioria e verificaremos que, não raro, dois espíritos potenciais, criados para a plena participação na agitação do Universo, em escala criativa, “renunciam a si mesmos”, em acomodação total, em alienação de seus valores, para manter um estado de coisas, em nome de certos convencionalismos, estatuídos por moral cediça e insustentável.

Tudo se passa, nesses casos, maquinalmente. Mesmo quando existe uma grande simpatia, até amor, o espírito se sente prisioneiro, irrealizado, forçado a comportar-se, a agir tolhido. Não se trata de um ajustamento saudável, nem de concessões plausíveis, ou de suportar certos problemas, no caminho da aceitação do outro, na compreensão e realização de um programa de interação pessoal, espírito a espírito. Mas de frustração de maceração interior, de repressão pura e inútil da criatividade, em nome de preconceitos, tradições e, sobretudo, do egoísmo recíproco ou da prepotência de um sobre o outro.

A insatisfação pessoal se mostra no silêncio mútuo, na conversação monossilábica, nas atividades descontroladas, na busca de prazeres, na fuga para um ausentismo existencial, cristalizado no apego às minúcias, aos programas de televisão, às festinhas, ao jogo de cartas, formas ingênuas, mas que para muitos são a única válvula de escape para mascarar, se possível fosse, a inutilidade da própria vida.

O relacionamento sexual, por sua vez, registra as mais variadas formas de expressar o amor e o desamor. A não ser nos casos patológicos de desvios emocionais, o relacionamento sexual sem amor redundará inapelavelmente na insatisfação, quase sempre disfarçada ou sublimada na procriação. Rotinizado o relacionamento, a mulher submete-se ao ato sem participar e o homem apenas ejacula e exaure-se, sem que ambos alcancem um mínimo de contrapartida emocional, num gesto que se tipifica com o afrouxar da paixão.

Portanto, a salvação do casamento está no cultivo do amor. Não o amor-metáfora, mero pretexto para poesias e canções populares. Mas o amor-construção, que pede aperfeiçoamento para que a paixão se converta em participação, o desejo se transubstancie em doação, a posse em compreensão, o ciúme, a prepotência, a subaltemidade sejam alijados da convivência, pelo cultivo do respeito recíproco.

Isso supõe um clima de liberdade na execução da vida matrimonial. Somente quando crescermos o suficiente para nos compormos em respeito e entendimento da liberdade do outro, não por sofismas, mas por ações, atitudes e mentalidade efetivamente libérrimas, é que teremos atingido um ponto em que as uniões conjugais propiciarão satisfações compensadoras.

Estamos refletindo um entendimento de liberdade que se caracteriza pela extrema positividade do comportamento centrado no outro, mas não subordinado ao outro, que implica num fluxo consciente e reconfortante de doação, porque isso faz bem, cria estados interiores de compensações emotivas superiores e não porque isso seja imposição do sistema ou represente um sacrifício. Que conduz ao servir mas não ao servilismo; que cede com alegria e não se degrada pela hipocrisia.

Seria lamentável se supuséssemos que a liberdade entre duas pessoas representasse negligência no relacionamento e propuséssemos a entronização da anarquia emotiva ou da irresponsabilidade como norma de vida. Em qualquer processo de interação, inter-relacionamento, de integração, é inevitável o ajustamento dos participantes a um nível de compromisso e entendimento. Fora disso não se completa o ciclo integracionista no campo psíquico, emotivo, intelectual, humano.

Então, o problema do casamento começa na definição do porquê da vida, se expande na concepção existencial de cada um, entrosando-se na compreensão reencarnacionista, pela qual nos reunimos, no matrimônio e na família, atendendo aos princípios de afinidade, dentro do “continuum” da Vida Imortal. Isso quer dizer que a unidade familiar, a partir do casamento, é uma construção em que se empenham o homem e a mulher. Cabe-lhes escolher a maneira de executar essa construção: de alicerces firmes ou sobre a areia; na inconsciência de paixões e motivações periféricas, ou assumindo um ao outro e desdobrando-se em atividades concretas no campo da liberdade responsável.

É razoável pensar que, mesmo diante da realidade existencial que a reencarnação desdobra e talvez por isso mesmo, o amor seja a meta de ouro a ser concretizada no casamento.

Um jovem e uma jovem, ainda que espíritos vencidos, refletem a pujança, anseios e os sonhos que permanecem como patrimônio potencial do coração. As emoções do amor que os aproximam para a união matrimonial, indicam-lhes sensações que pretendem manter indefinidamente. Para isso, contudo, precisam socorrer-se de instrumentos de dignificação recíproca, porque o amor pede amadurecimento e crescimento mental para se projetar em criações imperecíveis, sem que para isso seja necessário renunciar, no sentido negativo dessa expressão, à personalidade, aos valores, mas convertendo-os, por um ato de vontade, que pressupõe liberdade, num mesmo e deliberado objetivo. Então se exerce o direito da renúncia, quando significa a seleção consciente dos caminhos eleitos, com o abandono de tudo quanto não importa à execução das metas desejadas.

Enfim, o casamento não pode representar um ninho egoísta, de compensação emocional restrita, onde cada um suga o alimento emotivo do outro. Ele só alcançará a plenitude, quando for a base para o desencadeamento de atitudes e atividades em que o espírito se expanda e realize seu projeto de felicidade, que certamente estará baseado na ampla participação, a começar nas estruturas abertas do lar, na construção de uma sociedade mais justa e fraternal.

9 Analisando o divórcio

“Em primeiro lugar as vossas leis estão erradas, pois acreditais que Deus vos obriga a viver com alguém que vos desagrade?”

(O Livro dos Espíritos, questão 940).

Na análise da questão do divórcio, começemos dizendo que se ninguém é obrigado a viver com quem não goste, às vezes é preciso fazê-lo.

O espiritismo não poderia concordar, por trair suas bases, com qualquer sistema em que o indivíduo sofra irremediável coação de sua vontade, por pressões sociais ou religiosas. Isso é básico.

Seria irrefletido, porém, analisar as realidades pessoais e grupais da atualidade espiritual da humanidade, sem um critério mais cauteloso. Homens e mulheres, somos espíritos relativamente imaturos. Estagiamos em níveis de emotividade bastante precários. O amor é, ainda, uma aspiração a se concretizar, em meio às explosões de egoísmo, refletindo despeito, ciúme, leviandade, ódios. Em verdade, nesse terreno, estamos muito mais próximos do passional do que do racional.

Julgar, pois, que tenhamos atingido um clima de autenticidade capaz de ceifar definitivamente as uniões conjugais relativamente imperfeitas, seria admitir o improvável.

Por isso, sobreeexistem duas posições, perfeitamente conciliáveis. De um lado, a liberdade plena de tomar uma decisão. De outro, a responsabilidade de julgá-la conveniente.

Certamente todos procuram a felicidade no casamento. É natural. Quantos, todavia, alcançamos um nível de respeito à liberdade do outro, aceitando-o como é, suportando-o, tanto quanto seja necessário? Sob o ponto de vista reencarnatório, o companheiro difícil, não raro, pode ser o agente de nosso reequilíbrio, exigindo paciência, maturação e perseverança para que a convivência, embora não compensatória, seja levada até o limite das conveniências do nosso programa evolutivo.

Fazemos estas considerações, sem qualquer objetivo de obstar ou anatematizar a pretensão de muitos casais que tendem a procurar motivações fora dos ajustes que iniciaram. Reconhecemos que certas separações são claramente justificáveis, embora em qualquer caso importem em traumas que marcam o espírito.

Nem pretendemos afirmar que esse ou aquele tem que aguentar isso ou aquilo. Refletindo sobre a relatividade de nossa personalidade em formação, medimos a responsabilidade diante da realidade reencarnacionista e projetamos a continuidade da vida, para que a questão do divórcio não sirva de amparo à fuga, à leviandade, em nome da dignidade e de princípios de liberdade. A liberdade não significa ruptura, mas o exercício da escolha conscientemente decidida.

A fragilidade conceptual do espírito humano, em virtude de sua relativamente curta permanência em níveis de consciência racional, é evidente.

As informações que nos vêm do plano espiritual indicam que sobre um período de 1 bilhão e meio de anos na irracionalidade, o espírito humano, em média, possui 200 mil anos de racionalidade. É recente sua paulatina libertação da poligamia. De um modo geral estão muito marcadas as tendências sexuais de posse indiscriminada e satisfação a nível das sensações físicas.

Queremos frisar, apenas, a situação real do espírito humano, na atualidade, para que não venhamos a dar razão à avalanche de atos insensatos, que desencadeiam processos de desagregação conjugal, baseados em aflição e desequilíbrios, sem causa específica, mas que correm por conta de aspirações imaturas de felicidade pessoal. Isso se traduz em intranquilidade e incapacidade de perseverar, esperar e superar situações, em virtude de atmosfera permissiva que de certa forma, sanciona, como legítimas, atitudes levianas.

É inegável que a precisão ou lassidão do pensamento social exerce ponderável influência sobre uma camada de espíritos que se retraem ou estimulam, conforme o clima seja favorável ou desfavorável a determinadas atitudes. Se a sociedade é permissiva, a irresponsabilidade potencial de muitos não encontra barreiras. Sentindo-se aceitos, partem para decisões precipitadas; não suportam contrariedades, que quase sempre eles mesmos desencadearam; entediam-se de deveres e compromissos; não se esforçam por superar e sublimar insatisfações.

Multiplicam-se as experiências conjugais, sancionadas ou não pela legislação vigente. Lares são montados e desmontados. Filhos trocam de pais, desencadeando problemas e traumatizando o espírito. Às vezes, essas separações são baseadas na agressão verbal ou física, criando fossos de ódio, exigindo reparações. Outras, lançam o parceiro em abismos de loucura ou prostituição, por fraqueza ou desequilíbrio emotivo e até por problemas de sobrevivência.

II

No problema do divórcio verificamos posições antagônicas, partindo de premissas evidentemente diferentes. De um lado, os anti-divorcistas atribuindo a união conjugal à determinação divina, sacramentada pelas igrejas. Nesse caso, “o que Deus uniu, não desuna o homem”. E acreditam que, sob quaisquer condições, o casal deve continuar junto, seja para não romper com uma determinação divina, ou para manter a unidade do lar, com vistas à educação dos filhos. Em outras palavras, quem divorcia-se comete “pecado”.

De outro, os que se baseiam numa apreciação pessoal do problema. O casamento é, para eles, um ajuste suscetível de ser reexaminado, porque a convivência mostra aspectos insuspeitos no comportamento dos cônjuges. E afirmam que manter um casamento sob bases de hipocrisia e para simples aparência é, no fundo, uma imoralidade. Então, concluem, se o casamento não deu certo, se a vida em comum se tornou insípida e até insuportável, por que continuar? Quanto aos filhos, embora sofrendo os impactos da separação, acreditam que esta será para eles melhor do que viver num clima falso, de tensão e desequilibrado.

Muitos casamentos são desfeitos porque um dos cônjuges encontra um outro parceiro, introduzindo em suas vidas penoso processo de afirmação e desgaste. O problema da fidelidade conjugal apresenta-se como uma questão importante. Se se encontra um novo amor, dizem essas pessoas, parece mais moralizante, se houver um compromisso compulsivo, reconstruir a existência em bases de lealdade, do que permanecer no adultério.

Todas essas considerações, tanto dos anti, quanto dos pró-divorcistas constituem, em verdade, racionalizações de problemas cuja equação não é tão simples, porque a emoção nos define o destino. O relacionamento entre duas pessoas não pode ser levado a uma posição de importância secundária. Ele repercute de forma profunda e marcante no interior do espírito e a leviandade nesse campo representa, invariavelmente, o desencadeamento de processos de desequilíbrios emocionais que a superam o tempo.

Já demonstramos suficientemente que sob o ponto de vista da reencarnação, nossas existências terrenas não representam meros acidentes biológicos, mas segmentos de um processo de maturação espiritual, de acumulação de experiências. Se é verdade que esse fato não retira a capacidade de decidir, que o livre-arbítrio garante ao homem, mostra-lhe, contudo, um novo prisma na compreensão dos fatores existenciais.

É sob esse ângulo que os problemas devem ser examinados, de modo a não se tomar medidas ou decisões precipitadas. Todos sabem que o divórcio é um recurso e não uma solução para os problemas emotivos.

Não seria possível analisar todos os fatores pessoais e interpessoais que determinam o comportamento dos participantes da união conjugal. O certo é que, em muitas ocasiões e com reações variáveis, explode toda uma gama de desacordo e de angústia, de deserção e irresponsabilidade, de desrespeito à dignidade e de massacre de sentimentos, de desinteresse e esfriamento, determinando rupturas e choques.

Seria infantil afirmar-se que “tem que ser assim” ou “é preciso aguentar, custe o que custar”. Tanto quanto seria insensato apressar-se na busca de soluções simplistas. Todo relacionamento exige flexibilidade e um certo tempo para maturar.

Em muitos casos, iniciada a convivência, os casais chocam-se quase sempre por inadaptação e falta de diálogo. Surpreendem-se, muitas vezes, com a personalidade do outro, que gostariam que fosse diferente, isto é, que se comportasse dessa ou daquela maneira, quase invariavelmente, que satisfizesse desde os caprichos até a plenitude do prazer físico. E isso não acontece amiúde.

Por que? A resposta, simples e pura, é porque não se dão em amor um para o outro. Mas essa simplificação certamente não ajuda muito, porque nos pormenores da vida diária, há pequenos fatores que desgastam e que são gotas d'água a minar as bases do relacionamento. Entregam-se muitos a um esvaziamento progressivo do entusiasmo e a fixar-se no lado negativo das coisas. Acostumados a manterem-se fechados no reduto da própria consciência, sem treinamento para comunicar sentimentos de maneira tranquila, armazenam queixas, frustrações, azedumes, para colocá-los para fora nas explosões de raiva, nos momentos de desacordo, ferindo-se mutuamente ou descarregando um sobre o outro a carga reprimida de desencanto e mágoa.

A maioria começa a vida conjugal na juventude. Já vimos que o espírito humano é imaturo e embora vivenciado em múltiplas experiências reencarnatórias, assimila os períodos da vida física, mantendo-se, em geral, demasiadamente ligado às características dos períodos etários. À falta de um modelo espiritual para a vida, a maioria contenta-se em permanecer mais ou menos estúpida na infância, mais ou menos inconsequente na juventude, mais ou menos tediosa na maturidade e invariavelmente desiludida na velhice.

Na sociedade de consumo em que vivemos, a juventude pensa que ser alegre é curtir som, desprezando os valores do espírito, absorvendo

idéias de terceiros sobre o relacionamento sexual, o casamento, a família, vivendo, é verdade, os dramas dos próprios lares.

Mas não pode, a despeito disso, deixar de envolver-se emocionalmente. E seja dessa ou daquela maneira, acaba por consorciar-se. Dois jovens — um homem e uma mulher — vão viver juntos! Pensam, a princípio, que a convivência na cama, nos atos sexuais contínuos, cobrirá todas as necessidades pessoais.

Descobrem, contudo, que é preciso algo mais. Que a vida de relação não é uma brincadeira, nem uma curtição ocasional. Quantos, diante de tal realidade não se precipitam em fuga lamentável, alegando problemas infantis, para as grandes decisões do espírito? Os que conseguem, porém, vencer essa transição, compatibilizando sonhos com realidade, constroem, muitas vezes, uniões relativamente duráveis e então encantam o mundo com novas contribuições, a partir da força da juventude e do amor, que começam a desenvolver em si mesmos.

III

Temos os casos em que, depois de muitos anos, o casal entra em crise. Não existe adultério. Nem novas ligações afetivas. Apenas um cansaço, um tédio, uma incompatibilidade de convivência. Cada um, ou pelo menos um, reconhece os valores do outro. Mas parece que não dá mais. O coração está seco. A conversação impossível. O dia-a-dia insuportável.

As vezes o parceiro é surpreendido por essa situação. Como? pergunta. Onde errei? Por que só depois de tantos anos é que não sirvo mais? E, quase sempre, rebela-se, maltrata, agride.

A tensão cresce e o casal separa-se ou então coexiste no espaço doméstico, mas não convive emocionalmente.

A causa mais profunda disso é uma realidade lamentável: ainda que coexistindo, trabalhando juntos, criando filhos, por longos anos, muitos casais nunca se deram um ao outro. Desprezaram-se profundamente, embora certas gentilezas formais. Há certos homens que escarnecem de pequenos gestos e muitos evitam abrir-se a um relacionamento autêntico. São trabalhadores, não deixam faltar nada em casa, têm um estrito sentido de família. Mas não são companheiros, não envolvem a esposa em laços de afetividade natural. Surpreendem-se quando esta se cansa.

Há mulheres que são ótimas donas-de-casa, cuidam da limpeza, da comida e da roupa. Externam-se em providências quanto à higiene e saúde dos filhos e do marido. Contudo, não dão ao companheiro o alimento emocional da doação de si mesmas, como pessoas.

Sintetizando, há casais que coabitam quase que impessoalmente. Exercem uma função, mas não se encontram no relacionamento pessoa a pessoa.

IV

Quando, sofrendo problemas de desajustamento emocional e familiar sob a pressão da insatisfação, da desilusão, ferido, magoado, intranquilo com sua situação conjugal, o homem ou a mulher pergunta, ao ser aconselhado a esperar, compreender, superar: eeu? Por que devo renunciar? Por que tenho que permanecer, se quero ir? Qual a causa que deve me reter junto de alguém que não me satisfaz, se quero ficar só, ou lá fora alguém me fala mais de perto ao coração? Não tenho o direito de refazer, de reconhecer o erro? Ficar não seria hipocrisia? Como condenar-me à amargura para o resto da vida? Ficar e ser infeliz, inautêntico?

Tais são as questões colocadas pelas pessoas vivendo o problema. Não pretendemos argumentar, porque cada um deve encontrar seu caminho, mas nas páginas deste livro temos levantado questões e apontado opções para a reflexão de quantos estejam envolvidos nesse quadro.

Contudo, voltamos a dizer, como no início deste capítulo: ninguém é obrigado a viver com quem não gosta, mas às vezes é conveniente fazê-lo, se isso, naturalmente, não obrigar a posições realmente insustentáveis, no campo do equilíbrio mental, na preservação da vida física e no limite da dignidade do espírito.

O que se conclui da análise da maioria dos casos que levam à desagregação da vida conjugal, é uma certa inaptidão para a vida a dois.

Pensa-se que a vida a dois representa um estreitamento da existência, dentro de exigências recíprocas. A vida a dois deveria ser a somatória de vontades, para fins objetivos e não a amputação da criatividade ou a mutilação dos anseios íntimos. Vida a dois deveria ser a conjugação do verbo servir, no aprendizado diário, com a desaceleração de tudo quanto não interessa à convivência e a aceleração de atitudes e comportamentos conscientes, que interessassem a ambos. Não seria, propriamente, uma renúncia ou concessão, quando tomadas no sentido de perda, de flagelação interior. Seria uma composição consciente, com a seleção de atitudes que conviessem ao convívio de dois espíritos livres, unidos por vontade positiva ou por injunções de atitudes menos nobres no passado. Em qualquer caso, embora diferencialmente, os interesses são mútuos e estimulantes.

V

Mas, se vencidas todas as tentativas, superadas todas as renúncias e esperas que sejam convenientes ao espírito, não houver outra alternativa, a separação se concretiza, com o saldo de amarguras e lágrimas.

Nesse caso, o que se tem a fazer é continuar a viver. Alargar os horizontes, evitar o envolvimento em ódios e contendas e, na medida do possível, procurar um entendimento fraternal, o amparo moral e financeiro, se for o caso, à dignificação do outro, qualquer que sejam as causas do rompimento.

Caso um outro lar seja erguido, que seus alicerces sejam de autenticidade dos sentimentos, de procura de relacionamentos sinceros, para que a nova experiência traga frutos de paz e de construções positivas, de modo a preparar o espírito para novas tentativas de reaproximação e amparo, no grande fluxo da vida imperecível.

De forma alguma desprezar os filhos, mantendo liames de afetividade e dar o melhor em atenção e auxílio, de carinho e diálogo, de sustentação e amizade. Tanto quanto será imprescindível tentar compreender o companheiro que se foi ou ficou, procurando entender seus motivos e atitudes.

A vida continua e certamente um outro encontro será promovido.

10 Olhando o futuro

“Há o progresso regular e lento que resulta da força das circunstâncias; mas quando um povo não avança bastante rápido, Deus lhe provoca, de tempos a tempos, um abalo físico e moral que o transforma”.

(O Livro dos Espíritos, questão 785).

A perplexidade das mudanças, as solicitações de participação que decorrem do nosso tempo, parecem trazer profundas dúvidas quanto ao futuro da humanidade. Não são poucos os que conjecturam sobre o dia de amanhã do gênero humano, que em muitas ocasiões parece agir como um bloco inconsciente. A par disso, a explosão demográfica, a diversificação dos centros de decisão, o mecanismo das pressões econômicas e a agitação ideológica, marcam o compasso das transformações, dos conflitos, ao lado de procedimentos realmente lamentáveis, cristalizados em crimes coletivos, perpetrados por pessoas e grupos evidentemente desequilibrados.

Debalde procurou-se, nessa ciclópica reviravolta do comportamento humano, menosprezar os valores afetivos, as necessidades do indivíduo e a formulação das causas mais profundas do problema existencial. Muitos chegaram a julgar que seria possível relegar, sem traumatismos profundos, as bases criadas no indivíduo pela sua vivência reen-carnatória. Embora quase ninguém enfoque a vida sob esse prisma de vidas sucessivas, o espiritismo oferece à psicologia, à sociologia e outras ciências e artes correlatas, a concepção do homem como ser vivenciado em múltiplas experiências existenciais, mostrando que cada presente traz os prejuízos ou vantagens do passado, projetando as realidades sociais e pessoais das épocas e das pessoas.

Essa visão globalizante permite a análise da trajetória do homem sem exclamações intempestivas, mas com um otimismo equilibrado, segundo o qual, na sua condição de espírito imortal, certamente conseguirá superar os estágios de inferioridade moral, cultural e intelectual, criando, na continuidade do processo da Vida, condições de equilíbrio e harmonização, capazes de construir o futuro em bases de paz.

Diz mais o espiritismo, que essa construção cabe a cada um e a cada grupo social, porque embora o progresso seja inerente ao ser e inevitável, sua concretização não é automática, nem dispensa o esforço, a dedicação e a deliberada decisão de procurar-se objetivos definidos.

Os indivíduos procuram sair do estado de angústia em que se encontram, pedindo liberdade. Tentam estabelecer bases para um comportamento que exalte a dignidade da pessoa. Questionam contra as barreiras e discriminações raciais, nacionais, sociais, econômicas e sexuais. Em outras palavras, tentam criar um novo modelo pessoal e coletivo em que o indivíduo seja respeitado em sua dignidade através de condições sócio-econômicas equitativas; que tenha liberdade de procurar seu destino e formular suas idéias, sem subjugar-se ao império de grupos ou instituições.

Entretanto, a criação desse modelo pressupõe o suporte de infra-estrutura capaz de absorver os impactos das diferenciações pessoais e promover a interação social. E isso é trabalho de reformulação básica a cargo da idéia religiosa. Não do trabalho de igrejas, nem de religiões, no seu sentido estreito e restrito. Mas de uma idéia religiosa, sustentada na pesquisa científica e na especulação filosófica. Sem essa conjugação, sem essa coordenação ideológica, faltará unidade fundamental, indispensável quando se pretende ter uma finalidade para a vida.

As realizações de todas as épocas cometeram o erro de cristalizarem seus princípios. Elas não se prepararam para acompanhar dinamicamente a progressão do espírito. Amarraram-se a fatores relativos, a concepções culturais localizadas no tempo e transformaram-nos em ordenações imutáveis. Conceberam a vida terrena como um fim e não como segmento existencial, dentro da dinâmica evolutiva.

Sobrevieram as reações inevitáveis. Deus, espírito, religião, entraram no roldão das coisas improváveis e desnecessárias. Ao exagero das afirmativas desprovidas de senso, contrapôs-se o exagero das negativas destituídas de razão.

Apegados ao fascínio das descobertas científicas que, ao contrário de desmontar o Universo, revelaram-no ainda mais complexo e belo, os teóricos materialistas afastaram o que tomaram como transcendental e impreciso para cultivar o que julgaram concreto e definido.

Essa posição extremista e até preconceituosa, conduziu a um lamentável negativismo. Pois, nem o espírito é um ser impreciso, uma nuvem inconcreta, nem a matéria é, em sua essência, tão concreta como se supunha ser. O espírito é uma realidade tão desconhecida como o é o núcleo atômico: ambos se conhecem pelos efeitos. O espírito se concretiza nas expressões da inteligência e das emoções que dão consistência à sua vida e a base atômica da matéria se exprime nas múltiplas formas de apresentação dos elementos químicos e físicos.

Entretanto o desafio do pensamento materialista redundou numa negação dos valores éticos, por reduzir o homem a mero produto do meio, incapaz de superar os condicionamentos a que se vê condenado, sujeito à exploração inexorável das classes dominantes e sugado pelo mecanismo econômico da sociedade. Mesmo aqueles mais idealistas, que verificam os problemas de afirmação pessoal, os conflitos íntimos, as interações sociais, não conseguem equacionar satisfatoriamente a problemática do homem, por situarem seu campo de pesquisa nos limites do binômio berço-túmulo.

II

Temos então o conflito das teorias que perturbam o processo natural da aquisição dos valores morais, impondo uma visão distorcida das realidades físico-emotivo-espirituais das pessoas.

De um lado, os que propugnam por rebaixar as criaturas humanas ao nível animal, pretendendo que não se pode impedir, disciplinar ou controlar os instintos, porque são naturais e sendo em si mesmos amorais, não devem ser obstaculizados, por representarem necessidades cuja repressão leva a conflitos íntimos e ao desequilíbrio emocional.

De outro, estão os que conseguiram criar uma falsa concepção de uso, transformando impulsos naturais em impulsos indignos. Criaram um modelo ascético, falsamente santificado, uma repressão das necessidades de afirmação do indivíduo, principalmente no setor da sexualidade. Transferindo de modo absoluto para o futuro a felicidade e malsinando a existência terrena, considerada indigna, fruto do pecado, queda do paraíso, portanto desprezível, essa concepção pretendeu nivelar os homens aos anjos, impondo-lhes comportamento contrário à sua realidade espiritual.

Temos, pois, os que pretendem que o homem seja um animal e os que querem que ele se comporte como um anjo. Essas posições extremadas esquecem que o homem é simplesmente homem, isto é, suplantou o estágio animal e portanto não pode comportar-se como tal e ainda não é anjo e assim não sabe agir como ele.

Tanto a concepção materialista, quanto a espiritualista-convencional são finalistas em si mesmas. Para a primeira, o fim é o nada, a morte. Para a segunda, é a imortalidade estática, sem progresso, nem evolução. No primeiro caso, a descida ao nível animal é uma forma de usufruir, até o esgotamento, as energias vitais. No segundo, a subida ao nível dos anjos, por meio de macerações físicas e esterótipos comportamentais, é a garantia de um lugar na corte celestial, livrando-se das fogueiras infernais.

É fácil compreender que essas posições são falsas e a prova disso é que não satisfazem ao indivíduo. Só o bruto resiste, sem desfibrar-se, ao contínuo comércio das sensações primárias. A inteligência e a emotividade que desabrocham no indivíduo normal, rejeitam essa posição e aspiram a formas superiores de relacionamento.

Da mesma maneira, as pressões para impor um comportamento que conflita com as aspirações mais simples, naturais e salutares, com a finalidade de criar uma imagem de pureza, contrariam a expectativa das criaturas humanas, que desejam uma felicidade que decorre da naturalidade, da expansão dos ideais e da emotividade, sem essa tonalidade de frustração, de vazio, de tristeza que parece matizar a idéia do céu cristão.

III

Esse conflito define o panorama da sociedade moderna e, naturalmente, refletiu-se no comportamento das pessoas, relativamente ao casamento. Então, desmoronado o edifício das antigas afirmações sobre o mecanismo da existência, regida por ascendentes “divinos”, que estabeleciam critérios e caminhos sem consulta ou participação prévia dos próprios interessados, sobrou o apelo às necessidades primárias ou a princípios éticos vulneráveis, estatuídos à base de uma participação social heróica, facilmente sufocada pelo egoísmo humano.

É outra, entretanto, a idéia espírita. Segundo ela, o espírito imortal que atingiu o nível intelecto-emotivo que denominamos humanidade, percorreu longo caminho de aprendizado e automatização dos fatores instintivos, desde o eclodir das paixões mais violentas, do desejo de posse

indiscriminado, até sublimá-los nos acordes da música ou das expressões artísticas superiores.

O instinto sexual nasceu de uma potencial necessidade de comunicação e de expansão da carga' emotiva, transmutando-se, com a aquisição da razão e ingresso no plano hominal, nas alegrias da paternidade e da maternidade.

Não há, pois, porque desprezar os impulsos naturais, como também não se compreende porque não utilizá-los dentro de padrões que levem o indivíduo espiritual a uma contínua e constante apropriação de valores em que se realizem, na plenitude, suas aspirações estéticas e éticas.

Supomos que essa posição equilibrada corresponda às aspirações médias dos homens e mulheres que povoam este planeta. Quer dizer também, que no uso desses instrumentos, os espíritos se comprometem mutuamente. O relacionamento sexual não pode ser catalogado como um ato que se esgota em si mesmo. Na maioria dos casos ele se desdobra em resultados éticos indefinidos, que se expressam em cargas emotivas que vão desde o que conhecemos por amor, até as deflagrações doentias do ódio, do ciúme.

Essas considerações são importantes quando consideramos as realidades sociais que impõem, até certo ponto, um caminho pré-determinado para o indivíduo. Ou ainda, quando considerados os fatores reencarnacionistas, que estimulam a união de pessoas comprometidas em processos de reajustamento emocional.

Sem essa concepção, multiplicar-se-ão as tentativas da psicologia, da psiquiatria, dos conselheiros matrimoniais, dos sexólogos, dos orientadores em geral, procurando unir os fragmentos da família, motivar a unidade conjugal e dar sentido ao processo de educação dos filhos, nos núcleos familiares.

IV

A família é um grupo, um conjunto de indivíduos que reagem constantemente uns sobre os outros, formando um universo que, por sua vez, interfere em outros universos e recebe influência destes. Entretanto, como vimos, seus membros permanecem como individualidades, com suas inclinações e princípios, não raro estratificados pelas experiências reencarnatórias, porque o indivíduo é, sempre, a somatória das experiências existenciais.

Aliás, o processo é cíclico. O que também explica a relativa coerência dos grupos sociais e a permanência de modelos por várias gerações. Antes, a estrutura mental das pessoas era mudada lentamente. E era comum a necessidade de se copiar atitudes de ancestrais, mantendo o status tradicional.

Nessas épocas, quando dois indivíduos se uniam para formar uma família, procuravam obedecer a critérios estratificados, que transmitiam aos descendentes, assim como tinham recebido dos antepassados. É claro que sempre havia alguma mudança, no passar das gerações. Mas em muitos casos, essas mudanças não alteravam a essência das estruturas superpostas das relações familiares. Podemos, por exemplo, constatar o contínuo desgaste da figura paterna, as transformações econômicas que determinaram as mudanças do conceito fami-

150
liar. Não será difícil identificar na urbanização o golpe mortal na mentalidade agrária em que o estatuto familiar tinha conotações muito diferentes, tanto espacial, quanto afetivamente.

Entretanto havia uma linha básica que preservava certos princípios e fazia continuar o “modus” da constituição familiar dentro de convenções perfeitamente delineadas. O que assistimos agora é a ruptura do “modus”, pela contestação de seus valores. Antes questionava-se a intransigência paterna, lamentava-se a falta de discernimento do cabeça da família, que impunha sua vontade, esmagando o indivíduo — seu filho, sua esposa. Hoje contesta-se a validade da própria família e aprofunda-se, talvez até artificialmente, o fosso de comunicação entre os participantes do grupo familiar.

Todos os conceitos que antes davam sentido à vida familiar, encontram-se sob suspeita. Antigos fundamentos sobre dignidade, respeitabilidade, que infundiam certa auréola à família perderam sua força. Nem mesmo a prole tem hoje o significado de afirmação. Ao contrário. Ter muitos filhos é considerado tolice e até falta de responsabilidade, porque a manutenção da família torna-se cada vez mais onerosa ou porque, para alguns, não se deve trazer tanta gente para “este vale de lágrimas” ou, ainda, o que é mais comum, poucos se sentem motivados a enfrentar o desafio e os problemas da criação dos filhos.

Lamentável é saber-se, ainda hoje, que muitos casais procriam para satisfação própria, até como fuga, sem dar à fecundação o sentido profundo de um ato de amor.

Entretanto, diante desse quadro confuso, inquieto e inquietante, como será o futuro?

O pensamento espírita sente-se à vontade diante das perspectivas do futuro. Essa posição é fruto da abertura existencial que a compreensão dos mecanismos da Vida enseja, porque nem permanece no extremo de uma atitude passiva e irresponsável “tudo esperando de Deus”, nem desarvor-se em desesperada desilusão, perante os homens e mulheres que povoam os dois planos vibracionais deste mundo.

Reflete, sobretudo, o equilíbrio perante a realidade espiritual, o conceito evolucionista e os processos* reencarnatórios, em que se funda a compreensão espírita da vida.

De um lado, a certeza da vitória final. De outro, a compreensão das dificuldades, a impossibilidade de fixar tempo, de estabelecer medidas, porque a construção do futuro se faz livremente, através da experiência e dos estímulos. Os atos correspondem a reações de outros atos, que estimulam reações, reajustes.

Sabe, porém, o espiritismo que a média da coletividade espiritual que reside neste planeta, atingiu um ponto em que as grandes opções se tornam inevitáveis. As experiências até aqui acumuladas, com todas as suas misérias e grandezas, encaminham o espírito para uma decisão que quebre o círculo de ferro das repetições, do egoísmo, das falsas concepções, das discriminações.

V

Eis como podemos figurar o futuro da família humana e por consequência, o da sociedade, se conseguirmos superar positivamente os tempos de mudança em que vivemos.

1. As conquistas do espírito, renovando seus ideais diante da expectativa da vida global, que se abrirá como uma resposta a todas as ansiedades e angústias existenciais, evoluirão para uma posição mais equilibrada no campo emotivo. Esse deslocamento do centro de interesses fundamentais, ensinará a derrubada das barreiras egoístas e permitirá que as uniões conjugais sejam baseadas em fatores de simpatia, reduzindo-se o campo de atrito em que atualmente estagiam.

Esse princípio de amor, que se expandirá no tempo e na experiência, conduzirá a casamentos estáveis, embora não estáticos, fundados no respeito recíproco e na procura de posições de mútuo ajustamento emocional. Ainda que não se possa, a curto prazo, esperar por uniões perfeitas, pode-se aspirar, dentro de uma ótica universalista quanto aos fundamentos da Vida, a que os casais se unam em bases de sinceridade e consciência dos valores, vivenciando-os.

2. Essa concepção, livre de penumbrosas e tortuosas maquinações passionais que ainda figuram na base de muitos compromissos matrimoniais, levará a uma nova dimensão no relacionamento familiar. Conceitos de direitos e deveres, conforto, doença e saúde, serão reavaliados, considerando a abertura existencial. Com isso, a vida em família ganhará novo sentido porque os filhos serão elevados à condição de companheiros e não mais produto dos pais, o que eliminará muitos conflitos decorrentes do desprezo pela sua personalidade e pela superproteção a alguns e desinteresses por outros.

Dentro dessa dinâmica, é possível esperar a absorção de grande parte dos problemas de ajustamento e afirmação que acompanha elevado número de indivíduos que retornam à experiência física, pelo canal reencarnatório. Ainda em decorrência dessa abertura, traumas e choques serão amortecidos ou canalizados, com o auxílio da psicologia e da psicanálise, então baseadas em fundamentos amplos e com horizontes alargados, tratando a criatura como espírito portador de experiência multisse- culares a caminho de posições superiores nos patamares

evolutivos.

3. O indivíduo que nascer num lar assim estruturado terá maiores chances de erguer-se em bases equilibradas, porque também as condições sociais então vigentes garantirão a todos uma infra-estrutura habitacional, educacional e sanitária suficiente para proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades. Pelo menos a maioria terá condições psicológicas para aprender e absorver a problemática existencial, diminuindo, em consequência, o número de doentes mentais, de crianças excepcionais e portadores de defeitos congênitos.

O nivelamento das oportunidades e do usufruto dos fatores econômicos, será acompanhado, nesse caso, da abertura dos horizontes espirituais, o que garantirá a dinâmica da vida terrena, sem os desvios do tédio e o agravamento da angústia existencial. Nessas condições, o convívio familiar será gratificante, embora não despovoado de problemas. Por muito tempo, ainda, os desequilíbrios acumulados nos segmentos existenciais e das realidades do aprendizado, mostrarão as dificuldades e as deficiências do contingente espiritual que compõe a população física e extra-física da Terra.

Mas, encaramos o início de uma etapa em que o enfoque da problemática humana ganhará sentido objetivo. As bases educacionais, por exemplo, terão o sustentáculo da precisão científica e se expandirão pela pesquisa constante de novos valores e pela determinação de leis que ampliem o conhecimento. Entretanto, fluirão em conceitos filosóficos desvinculados do imediatismo e tenderão a focar o dinamismo existencial em termos de imortalidade-evolução-reencarnação, abrindo possibilidade de entendimento amplificado sobre todas as manifestações do espírito.

Esse tempo não corresponde, sob nenhum disfarce, a uma fantasia nirvânica, sem problemas, esforços e dificuldades. Porque nem uma ampla aceitação do intercâmbio mediúnico permitirá revelações que eliminem a pesquisa científica e a procura da verdade no plano terreno. A mediunidade estabelecerá apenas um grande elo de comunicação, confraternizando espíritos humanos em dois planos de vibração, numa jornada de recíproco auxílio.

Coroando essa conjugação de pesquisa e conhecimento, o sentimento religioso dará ao homem não apenas a justificativa para a vida, mas seu embasamento moral, libertando-o para o pleno desenvolvimento do seu potencial.

A criatura humana compreenderá que é espírito, em essência, e que sua evolução compreende, primeiro o desabrochar desordenado da paixão, depois o desenvolvimento da inteligência a fim de selecionar e comandar seu mundo emotivo e, finalmente, a expressão plena de sua potencialidade, através do exercício permanente do amor-sabedoria e da sabedoria-amor, onde o equilíbrio da compreensão e do entendimento darão condições para a síntese suprema da absorção das causas primárias das coisas.

4. Como consequência dessa diretriz renovada, as uniões matrimoniais não terão efeito de quebra-luz das personalidades, mas de estimuladoras da criatividade. O casamento erguido à condição de experiência de dignificação do espírito, não será mais o compartimento passional em que os conflitos nascem dos choques do egoísmo recíproco. A mulher, libertada das limitações que a sociedade lhe impôs, dará plenitude à feminilidade. Ascendendo à posição de espírito em corpo feminino, desempenhará suas funções, num processo dinâmico de participação vertical no complexo da existência, enquanto o homem, aliviado do ônus do machismo inconsequente e canalizando de forma amadurecida o potencial de masculinidade que lhe é inerente, será o companheiro que nivela a esposa e a ela se nivela, em conceitos de recíproca dignidade. Então, o encontro do casamento será a oportunidade de somar esforços na direção social e humana, não se compreendendo, nessa projeção do futuro, que a função feminilidade seja confundida com função doméstica, enquanto significar atividades rotineiras e bitolantes. Da mesma forma, a função masculinidade, não será sinônimo de função machismo, que corrompe a natureza do espírito: o homem será chamado espírito-em-corpo-masculino.

Essa nova concepção humana será a base para promover integral satisfação aos cônjuges, ligados por laços muito mais fortes que a simples coabitação sexual.

5. O lar, dentro dessa perspectiva, será o ponto de encontro e não lugar apartado, e, não raro, como agora, palco de dramas. Essa característica não lhe retirará o encanto e o conforto. Ao contrário. Fundamentado na compensação vibracional e sustentado pelo dinamismo de uma concepção existencial que se amplia constantemente, guardará in- traduzíveis expressões de carinho e elevação e, dispondo de recursos adequados, terá a expressão de núcleo capaz de agasalhar, consolar e educar em termos de profundidade humana.

Podemos figurar nele a família estruturada em bases de compreensão mais ampla de diálogo racionalmente compensador, pois então serão levadas em conta realidades atualmente desprezadas no comportamento pessoal e dos grupos. É possível supor que o relacionamento desse núcleo renovado comportará um nivelamento real de pais e filhos, com a consciente disposição de construir soluções que decorram da participação de todos na decisão dos destinos de cada um.

É saboroso pensar num grupo familiar que se apoiará em relações saudáveis, desprovidas de nuances passionais que marcam o procedimento das pessoas, atualmente. Então, marido e mulher não representarão pontos hierárquicos na economia doméstica, mas expressões conjugadas de personalidades distintas em consciente associação. Por seu lado, os filhos, amados talvez ainda mais intensamente, não serão tomados pelos pais na conta de estranhas, divertidas, problemáticas e enigmáticas criaturas. Nem olharão, mais tarde, para os pais, como superados, divertidos e problemáticos atores de um desprezível drama chamado vida.

Assim como o homem e a mulher serão chamados espíritos, os filhos ascenderão à categoria de criaturas com individualidade inalienável e personalidade em mutação, suscetíveis e necessitados de influência positiva, direção segura e instrução adequada, para se educarem em conceitos e aspirações que permitam, no tempo, sua plena realização humana.

6. Em tal condição podemos supor para um futuro bem mais remoto novas dimensões para o relacionamento sexual entre os cônjuges, pela transferência do prazer das zonas exclusivamente físicas, para uma compensação mais abrangente no cosmo emotivo. A maternidade e a paternidade conhecerão novos horizontes e se exprimirão no campo da emoção pura, porque o amor se transferirá em alegrias profundas para a criança, sem a fixação da necessidade de ter vindo das entranhas, mas penetrará o coração materno com o suporte da paternidade treinada para servir e amar. Dentro desse esquema, podemos até pensar na transferência da procriação para laboratórios, sem que isso venha a alterar substancialmente o quadro da harmonia doméstica.

Sabemos que essa possibilidade encontra dificuldades muito grandes para ser sequer concebida, porque é difícil desvincular as realidades do nosso entendimento atual para uma estrutura que contraria os conceitos em que fundamentamos nossa concepção de família, maternidade e paternidade. Ainda e por muito tempo, ver crescer no ventre o futuro filho, será condição necessária, mas nem sempre suficiente, para que o amor se manifeste. Os pais adotivos que recebem com verdadeiro amor o filho gerado em ventre alheio talvez sejam os pioneiros de um plano de compreensão mais ampla nesse setor.

Por isso é justo pensar que sendo os nascimentos baseados, quanto à natureza do espírito, na lei da afinidade, esse futuro nos ofereça oportunidade das famílias serem constituídas tão somente de espíritos simpáticos, unidos pelos laços do amor, de ideais ou pelo menos entrelaçados espiritualmente em processos de santificação da Vida, mesmo que à custa de resgates dolorosos. Então, dentro dessa ótica, embora não nascidos de um ventre físico, os filhos terão o amor que flui de espírito para espírito, iluminado pela certeza da continuidade do processo evolutivo.

Teremos alcançado, dessa forma, um patamar ainda impossível de formular-se claramente, mas capaz de ser percebido pela inteligência, onde o relacionamento sexual ascenderá a níveis de satisfação plena, mesmo que abandonado gradativamente seu aspecto meramente físico.

VI

Tais são as perspectivas que nos parecem possíveis para o futuro. Ao escrevê-las, sentimo-nos como um visionário diante dos olhos incrédulos de possíveis ouvintes... Não será difícil identificar uma ponta de sarcasmo em alguns e o balançar da cabeça de outros, penalizados com essa possível ingenuidade.

Permitindo-nos lembrar, sem qualquer similitude de posição pessoal, é claro, que a construção de novos horizontes para a humanidade foi recebida como impossível, quando não, obra da loucura, em todas as épocas. Quando o apóstolo Paulo discursava diante de Herodes Agripa sobre as bases da mensagem do Cristo, o monarca, assustado e incrédulo apenas disse: “Saulo, Saulo, as muitas letras te enlouquecem”. Quando Jesus disse que era a luz do mundo, na distante e desprezível província da Judéia, ninguém poderia supor que sua figura se projetasse sobre os séculos como resposta às inquietações humanas.

É difícil imaginar formas de comportamento que não compreendam a proeminência pessoal, o fastígio da supremacia. Milhões estamos no ciclo da afirmação da vaidade, da necessidade de destaque pessoal. Sabemos, contudo, que isso sim é uma posição ingênua, pois nenhuma felicidade pode ser real, duradoura e perfeita, enquanto compreender a hegemonia de uns sobre outros, enquanto tolerar o arbítrio do forte e existir o fraco.

As cadeias de interdependência que se mostram tão visíveis nos problemas das relações interpessoais, na procura do amor, em seus vários níveis, são uma mostra da imensa sucessão de elos que disciplinam o encaminhamento final do drama evolutivo.

Somente a vitória do amor, absorvendo as potências do egoísmo, permitirá a felicidade de cada um, e, como consequência, a de todos. Ora, se somos espíritos imortais e haveremos, pois, de viver sempre e, ainda mais, se dispomos de recursos e instrumentos de experimentação, aprendizagem, crescimento, por que descrever dessa possibilidade?

O que sabemos, desde já, é que alguns espíritos, alguns casais, se encontram em pleno exercício desse futuro, embora as dificuldades do momento. A força de tais exemplos e as necessidades que emergem constantemente de cada pessoa, neste mundo, serão os fatores preponderantes na consecução desse objetivo maior.

Como, entretanto, o processo não pode ser medido em tempo, nem retardado a pretexto de inoportuno, que cada um comece agora a semear o futuro.